



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/
CIÊNCIAS DA NATUREZA**



FLORISA COELHO RODRIGUES

**SABERES POPULARES DE MORADORES DE COMUNIDADES CAMPESINAS DE
MASSAPÊ DO PIAUÍ SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES**

**PICOS
2021**

FLORISA COELHO RODRIGUES

**SABERES POPULARES DE MORADORES DE COMUNIDADES CAMPESINAS DE
MASSAPÊ DO PIAUÍ SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros como requisito à obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

R696s Rodrigues, Florisa Coelho
Saberes populares de moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí sobre os animais silvestres / Florisa Coelho Rodrigues – 2021.
Texto digitado
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em Educação do Campo, Ciências da Natureza, Picos-PI, 2021.
“Orientadora: Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro”

1. Animais cinegéticos. 2. Domesticação de animais silvestre. 3. Fauna da Caatinga. 5. Zooterapia. I. Pinheiro, Tamaris Gimenez. II. Título.

CDD 372.357

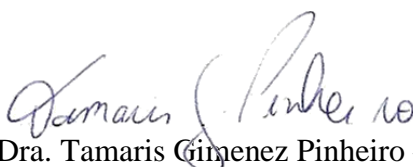
FLORISA COELHO RODRIGUES

**SABERES POPULARES DE MORADORES DE COMUNIDADES CAMPESINAS DE
MASSAPÊ DO PIAUÍ SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo/Ciências da Natureza, pela Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador(a): Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro – Orientadora
Universidade Federal do Piauí - UFPI



Prof. Dr. Edson Lourenço da Silva – Membro 1
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPI *campus* Picos



Profa. Dra. Tatiana Gimenez Pinheiro – Membro 2
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Aprovado em 02/03/2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por me guiar e ajudar a superar as dificuldades encontradas ao longo do curso. À minha família por toda paciência, apoio, dedicação e empenho que contribuíram diretamente para a realização do sonho de completar minha formação em nível superior.

À Universidade Federal do Piauí pela oportunidade ímpar do acesso a um curso de graduação. À minha professora orientadora Tamaris Gimenez Pinheiro pelo apoio, aprendizado e todo auxílio dado para a elaboração desse trabalho. Agradeço também a todo corpo docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza, pelos ensinamentos e experiências, os quais me permitirão desenvolver minha profissão com ética, compromisso e responsabilidade.

Por fim, agradeço a todos os meus/minhas amigos/amigas e aqueles que me apoiaram, incentivaram e contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui. Não posso deixar de agradecer também aos participantes da pesquisa deste trabalho pois sem os mesmos não seria possível a sua realização.

Muito obrigada a todos/todas.

RESUMO

A Caatinga é o bioma de região semiárida mais biodiverso do mundo cujas plantas e animais são muito utilizados pela população como alimento, fonte de energia e remédio. Esse vínculo com os recursos naturais é fruto dos saberes populares do povo sertanejo, os quais são transmitidos entre os indivíduos ao longo de gerações. Acessar esses saberes pode promover a valorização deles e, conseqüentemente, a conservação da biodiversidade da Caatinga que se encontra tão vulnerável. Considerando isso, esta pesquisa teve como objetivo resgatar os saberes populares de moradores de comunidades camponesas de Massapê do Piauí a respeito da fauna silvestre de modo a registrar essas informações para subsidiar a contextualização de aulas de Biologia nas escolas do campo da região. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. Doze moradores provenientes de nove diferentes localidades camponesas do referido município participaram da pesquisa. Um total de 100 animais foram citados pelos moradores, 47 aves (47%), 22 mamíferos (22%), 12 répteis (12%), 10 insetos (10%), sete peixes (7%) e dois anfíbios (2%). Deste total, 90% pôde ser identificado pelos nomes científicos. Segundo os pesquisados, 32 animais foram associados à superstições, 30 utilizados na alimentação, 23 relacionados ao tratamento de doenças, 17 estão ligados à caça na região, oito são comumente domesticados e dois são citados no uso do couro ou pele. O conhecimento destes moradores sobre a fauna da Caatinga é representativo e as informações obtidas permitiram constatar que a relação deles com os animais da região é bastante direta a ponto de conhecerem muitos aspectos da sua biologia. Isso ficou ainda mais evidente quando se identificou que vários desses saberes foram obtidos pela experiência de vida dos próprios sujeitos além dos compartilhados por pais e avós. Com a riqueza de informações obtidas conclui-se que o registro delas é de grande importância principalmente para serem utilizadas em sala de aula para subsidiar o ensino de Ciências e Biologia e assim aproximar os conteúdos ao cotidiano dos alunos das escolas do campo, promovendo aprendizagem significativa e transformadora.

Palavras-chave: Animais cinegéticos; Domesticação de animais silvestres; Fauna da Caatinga; Zooterapia.

ABSTRACT

The Caatinga is the most biodiverse biome of the semiarid region whose plants and animals are widely used by the population as food, forage, a source of energy, and medicine. This link with natural resources is the result of popular knowledge, mainly, of the residents of rural communities, which are transmitted between individuals over generations. Accessing this knowledge can promote their valuation and, consequently, the conservation of the Caatinga's biodiversity, which is so vulnerable. Considering this, this research aimed to rescue the popular knowledge of residents of peasant communities in Massapê do Piauí regarding wild fauna to record this information to support the contextualization of Biology classes in rural schools in the region. Data were collected through semi-structured interviews. Twelve residents from nine different rural locations in that municipality participated in the survey. A total of 100 animals were cited by residents, 47 birds (47%), 22 mammals (22%), 12 reptiles (12%), 10 insects (10%), seven fish (7%) and two amphibians (2%). Of this total, 90% could be identified by scientific names. According to those surveyed, 32 animals were associated with superstitions, 30 used in food, 23 related to the treatment of diseases, 17 are linked to hunting in the region, eight are commonly domesticated and two are mentioned in the use of leather or fur. The knowledge of these residents about the fauna of the Caatinga is representative and the information obtained allowed to verify that their relationship with the animals of the region is quite direct to the point of knowing many aspects of its biology. This was even more evident when it was identified that several of this knowledge was obtained through the life experience of the subjects themselves, in addition to those shared by parents and grandparents. With the wealth of information obtained, it can be concluded that their registration is of great importance, mainly to be used in the classroom to subsidize the teaching of Sciences and thus bring the contents closer to the daily lives of students in rural schools, promoting meaningful and transforming learning.

Keywords: Caatinga fauna; Domestication of wild animals; Hunting animals; Zootherapy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos moradores de comunidades campesinas do município de Massapê do Piauí, Piauí, participantes da pesquisa.....	20
--	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Animais silvestres encontrados ocasionalmente pelos moradores campestres de Massapê do Piauí, Piauí. A lista com o nome científico e classificação de cada um deles encontram-se nos Apêndices C e D.....22
- Figura 2** – Animais frequentemente encontrados nas propriedades dos moradores campestres de Massapê do Piauí, Piauí. A lista com o nome científico e classificação de cada um deles encontram-se nos Apêndices C e D.....22
- Figura 3** – Animais cinegéticos de Massapê do Piauí, Piauí. A lista com o nome científico (quando possível identificação) e classificação de cada um deles encontram-se nos Apêndices C e D.....25
- Figura 4** – Motivações dos moradores campestres de Massapê do Piauí, Piauí, para a prática da caça de animais silvestres.....27
- Figura 5** – Animais silvestres mantidos em cativeiro pelos moradores de comunidades campestres de Massapê do Piauí, Piauí.....28
- Figura 6** – Animais apontados pelos moradores de comunidades campestres de Massapê do Piauí, Piauí, como eficientes no tratamento de doenças.....29
- Quadro 1** – Animais silvestres (ou parte deles) e seus produtos que são utilizados na cura de doenças segundo os moradores de comunidades campestres de Massapê do Piauí, Piauí.....30
- Quadro 2** – Animais silvestres (ou parte deles) e seus produtos que foram reconhecidos pelos moradores de comunidades campestres de Massapê do Piauí, Piauí, por seu uso no tratamento de doenças, mas sem a indicação delas.....31
- Quadro 3** - Doenças que podem ser transmitidas por animais silvestres segundo os moradores de comunidades campestres de Massapê do Piauí, Piauí.....35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
3.1 Saberes populares e saberes científico	13
3.2 Saberes populares e ensino de ciências	14
3.3 Saberes populares sobre a fauna brasileira	15
4 METODOLOGIA	18
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5.1. Ocorrência dos animais silvestres na região de Massapê do Piauí	21
5.2 Caça de animais silvestres	24
5.3 Uso de animais silvestres na alimentação	27
5.4 Criação de animais silvestres	28
5.5 Zooterapia	29
5.6 Superstições associadas aos animais silvestres da Caatinga	32
5.7 Animais silvestres e a transmissão de doenças	34
5.8 Aplicação dos saberes populares na sala de aula	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A CONDUÇÃO DA ENTREVISTA	44
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	45
APÊNDICE C – LISTA DOS ANIMAIS SILVESTRES RECONHECIDOS PELOS MORADORES DE MASSAPÊ DO PIAUÍ	46
APÊNDICE D – IMAGENS DOS ANIMAIS SILVESTRES RECONHECIDOS PELOS MORADORES CAMPESINOS DE MASSAPÊ DO PIAUÍ	52
APÊNDICE E – FONTE DAS IMAGENS	62

1 INTRODUÇÃO

A Caatinga é uma vegetação típica da Região Nordeste do Brasil, formada por plantas adaptadas aos períodos de seca prolongados (KIILL *et al.*, 2007; KIILL, 2011). Ocupa uma área de cerca de 800 mil Km² que abrange nove estados: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais, correspondendo a 11% do território nacional e permitindo que milhões de brasileiros vivam e busquem seu sustento (KIILL *et al.*, 2007; KIILL, 2011).

A Caatinga é o bioma de região semiárida mais biodiverso do mundo (BRASIL, [201?]). Para esse bioma já foram registradas 932 espécies de plantas vasculares (ALVES; SILVA; VASCONCELOS, 2009), 591 espécies de aves, 241 de peixes, 221 de abelhas, 177 de répteis e 79 anfíbios e 178 espécies de mamíferos (BRASIL, [201-?]).

Além de altamente biodiverso, a Caatinga apresenta muitas espécies, tanto da flora quanto da fauna, exclusivas (endêmicos), ou seja, que não são encontrados em nenhum outro bioma (ALVES; SILVA; VASCONCELOS, 2009; KIILL, 2011). Para termos uma dimensão do que isso representa temos que o número relativo de endemismo na Caatinga é de 42% para as espécies suculentas e lenhosas (PRADO, 2003), 57% para peixes, 37% répteis, 12% anfíbios, 8% mamíferos e 3% para aves (ALVES; SILVA; VASCONCELOS, 2009). Mesmo assim, a Caatinga é considerada o bioma menos preservado e um dos mais degradados do Brasil (KIILL, 2011), com muitas espécies, incluindo as endêmicas, já sendo consideradas em condição de ameaçadas de extinção e outras que já foram extintas.

O monitoramento realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), revelou que até o ano de 2015, 45% da Caatinga já havia sido degradada e 40% ainda estava preservada, 7,2% de sua área apresenta solo exposto, 6,5% era constituída por lavoura e apenas 0,7% por corpos d'água (INPE, 2015). Dessa forma, percebe-se que toda perda da biodiversidade da Caatinga está acontecendo devido aos impactos antrópicos em função da ocupação agrícola e urbana. Alia-se a isso, a pobreza acentuada de boa parte da população, que busca sua fonte de alimentação e de renda nos recursos naturais ali existentes, seja eles da fauna ou da flora (ALVES; SILVA; VASCONCELOS, 2009).

Segundo Kiill *et al.* (2007) existem muitas espécies de plantas e animais utilizadas pela população humana ocupante da Caatinga como alimento, remédio, forrageira, fonte de madeira e de energia. Alves, Silva e Vasconcelos (2009, n. p) afirmam que sem dúvida este bioma é “um dos bens mais preciosos para o povo sertanejo, haja vista, que dele são retirados os produtos e serviços que geram lucros e outros benefícios”. Com isso, nota-se que as populações

humanas que ocupam esse bioma desenvolveram técnicas de sobrevivências, diretamente relacionados ao uso da biodiversidade, tais como a caça, a pesca, moradia, entre outras, além de crenças, que constituem saberes particulares, os quais foram passados de geração para geração.

Esses saberes modelam aspectos culturais, religiosos, de cura e tratamento de doenças, além de mitos, crenças e lendas que vão fazendo parte das tradições. Xavier e Flôr, (2015, p.310) consideram os saberes populares como “um conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos (famílias, comunidades), fundamentados em experiências ou em crenças e superstições, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos”. Esses saberes vão se transformando ao longo do tempo e passam a fazer parte do dia a dia das populações que os carregam. Segundo Barbosa *et al.* (2004) esse conjunto de saberes e práticas populares possuem validade pois sua estrutura é pautada na experiência empírica, na vivência, na experimentação e na avaliação do sucesso ou insucesso das repetidas experiências dentre a população. Segundo Sampaio (2007, p. 99) “os reflexos decorrentes deste tipo de conhecimento contribuíram e contribuem para [...] as relações de convivência [do ser humano] com os demais seres vivos”, fato que é muito marcante quando consideramos as populações humanas residentes na Caatinga.

Ao voltarmos nosso olhar aos animais silvestres, encontramos vários exemplos de espécies que compõem os hábitos alimentares de comunidades, principalmente as rurais, como também são utilizados como medicamentos (BARBOSA; ALVES, 2010). Assim, acessar os saberes populares sobre a fauna silvestre local pode promover a valorização deles e, conseqüentemente, a conservação da biodiversidade da Caatinga que se encontra tão vulnerável.

2 OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Resgatar os saberes populares de moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí a respeito da fauna silvestre de modo a registrar essas informações que possam subsidiar a contextualização de aulas de Biologia nas escolas do campo da região.

2.2. Objetivos específicos

- Fazer um levantamento dos animais silvestres encontrados na região com base no conhecimento popular dos moradores;
- Registrar os saberes populares da população campesina sobre a fauna de Massapê do Piauí;
- Conhecer o uso que os moradores campesinos pesquisados fazem da fauna silvestre;
- Realizar o registro das superstições que envolvem a fauna silvestre local;
- Relacionar os conhecimentos populares com o conhecimento científico sobre a biologia dos animais.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Saberes populares e saberes científicos

Os saberes populares são conhecimentos que fazem parte da prática cultural de determinado local e grupo coletivo (TRÓPIA; XAVIER; FLÔR, 2013). Nesse sentido podemos dizer que esses saberes são os conhecimentos que uma determinada população acumula por meio de experiências vivenciadas no decorrer dos anos e vão passando de geração em geração (SILVA; MELO-NETO, 2015). Dessa forma, adotamos para essa pesquisa a definição de saberes populares dada por Trópia, Xavier e Flôr (2013, p.3) que consideram “os saberes populares como um conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos, a partir de suas experiências ou de suas crenças e superstições, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos”. Segundo Nascibem e Viveiro (2015), os conhecimentos populares carregam enorme riqueza cultural e de experiência de vida. Porém, são ignorados pela comunidade acadêmica, a qual considera apenas como válido, aqueles “produzidos pelos pesquisadores, o conhecimento científico” (NASCIBEM; VIVEIRO, 2015, p. 289).

O conhecimento científico, por sua vez, é sistemático, ou seja, busca explicar os fenômenos da natureza, por meio da razão, utilizando-se de critérios metodológicos para demonstrar a veracidade dos fatos (ARMNSTRONG; BARBOZA, 2012). Para Sampaio (2007, p. 100), o saber científico “necessita racionalizar, investigar, ordenar, levantar hipóteses, construir teses, fazer comprovações que vão constituindo os resultados importantes para vida da humanidade”. Ainda para esse autor, como uma construção humana, o conhecimento científico, é falível, não definitivo e verificável. Assim, aproximá-lo dos saberes populares pode trazer grandes contribuições. De acordo com Silva, Luca e Arend (2015, p.4):

O saber científico ou acadêmico é considerado como a Ciência e possui um *status* hegemônico de saber, porém se buscarmos suas origens chegamos ao saber popular ou primevo, ou ainda primeiro, que são os saberes da comunidade, do cotidiano, do senso comum, que são herdados de gerações em gerações, porém não validado pela Ciência.

Nesse sentido, verifica-se a importância de ambos os saberes na construção da sociedade e suas interdependências. Taquary (2007, p.102) afirma que “o saber popular e o senso comum são ponto de partida para, depois de compartilhados, serem geradores dos fundamentos que desencadearão o processo de construção do saber científico”.

Barbosa *et al.* (2004, p. 717) afirmam que “os enigmas da vida humana vão além do conhecimento científico, por isso, este não deve ser considerado como a única verdade”. Desse modo há uma urgência em se respeitar as crenças e práticas populares e buscar fazer conexão entre esses saberes para que possamos obter as respostas às necessidades humanas. Além disso, para Córdula e Nascimento (2018) independente do saber, se popular ou científico, a finalidade deles é a de formação dos sujeitos.

Nessa perspectiva formativa entra o ensino de Ciências da Natureza cujo objetivo primordial é a “a formação de alunos críticos, capazes de fazer uma leitura do mundo, interferir na sociedade em que vivem e transformá-la em um local cada vez melhor (CEOLIN; CHASSOT; NOGARO, 2015, p. 20). Para isso, se faz necessário lançar mão de todas as informações que estão à disposição, sejam elas vindas dos conhecimentos científicos como dos populares.

3.2 Saberes populares e ensino de Ciências

Quando focamos nos diferentes saberes e sua relação com a escola percebemos o quanto o saber popular é desvalorizado nesse ambiente. Em sala de aula o/a professor/a valoriza apenas os saberes que são validados pela academia ou por instituições de pesquisa (CEOLIN; CHASSOT; NOGARO, 2015). Para esses autores (p. 31) os saberes científicos “são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem, porém devem estar conectados com a realidade do discente”. Essa conexão, inclusive, pode melhorar o envolvimento de alunos e professores e favorecer o processo de ensino e aprendizagem além, é claro, de “valorizar o saber popular, o saber local, próprio da comunidade onde a escola está inserida” (CHASSOT, 2008; GONDIM; MÓL, 2008; RESENDE; CASTRO; PINHEIRO, 2010), saber esse que, se não registrado, será perdido.

A valorização do saber popular na escola começou a ganhar destaque na década de 1990 (GONDIM; MÓL, 2008, p.3). Infelizmente, ainda hoje, a “tendência hegemônica, positivista e cientificista” é preconizada na escola, a qual “prioriza o conteúdo científico, trazido pelos livros didáticos, e desprezando os saberes, as vivências e os conhecimentos alternativos dos estudantes seguindo” (NASCIBEM; VIVEIRO, 2015, p.287).

Nessa perspectiva Costa (2008, p.166) defende que “ao depositar o valor do ensino de ciências na mera transmissão mecânica de conteúdo curricular expresso nos livros didáticos, o professor desperdiça a possibilidade de proporcionar ao aluno a internalização dos princípios gerais, modelos e ideias básicas”. Esse autor (p.167) completa que “os saberes populares sobre

a natureza, expressos na etnobiologia, estão na base das significações culturais dos indivíduos, mas geralmente não correspondem com o conhecimento científico”, e por esse motivo “eles não costumam ser acessados didaticamente”. Isso faz com que os alunos acabem se afastando de certa forma da cultura¹ existente na comunidade, se distanciando de suas tradições e muitas vezes desvalorizando os saberes de seus povos.

Nesse contexto Xavier e Flôr (2015, p.314) afirmam que “quando o estudante chega à escola, ele já traz consigo uma rede de significados, construídos a partir de suas vivências, o que torna as salas de aula um ambiente heterogêneo, já que reúne estudantes vindos de diferentes contextos sociais”, ou seja, esses alunos trazem todo o conhecimento que adquiriram durante toda a convivência com a sua comunidade, e nessa mesma sala podem ter vários alunos oriundos de comunidades diferentes, cada um com seus modos de vida e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos que poderiam compartilhar entre si e assim tornar as aulas mais dinâmicas nesse contexto. Para Xavier e Flôr (2015, p.314) “ensinar ciências deve ser entendido, dentro dessa visão, como o ensino de uma segunda cultura, mas sem que esta entre em choque com a cultura dos estudantes”.

Para Xavier e Flôr (2015, p.325) “a interlocução dos saberes populares com o ensino de Ciências deve “[...] partir de um saber local, das suas contradições e demandas, permitindo um ensino dentro de um contexto real”, ou seja, o ensino de Ciências deve estabelecer uma conexão com a realidade dos alunos, para que estes possam ter uma formação abrangente, “com base nas suas raízes, contribuindo para a formação de um indivíduo mais crítico e capaz de atuar na construção de uma sociedade menos desigual” (XAVIER; FLÔR, 2015, p.325).

3.3 Saberes populares sobre os animais da fauna brasileira

No Brasil, animais vêm sendo usados por sociedades indígenas e por descendentes dos europeus e africanos desde o período colonial (BARBOSA; AGUIAR, 2012, p.643). No entanto, a relação entre o ser humano e demais animais existe desde que a Terra pôde contar com a existência dessa primeira espécie. O que modificou foi a forma de uso dos animais pelo ser humano (COSTA *et al.*, 2014, p.87). Com isso, pode-se afirmar que um dos fenômenos que

¹A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2002) considera cultura como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

permitiu a existência humana foi sua coexistência com os demais animais, os quais se tornaram um recurso valioso.

Para Oliveira (2014, p.13) “o estudo das relações entre o homem e a fauna silvestre permite a compreensão dos saberes tradicionais locais visando estratégias de manejo sustentável dos recursos faunísticos”. Isso porque a degradação do meio ambiente e práticas não sustentáveis de uso dos recursos naturais têm crescido juntamente com a preocupação com a conservação da diversidade biológica (LIMA; FLORÊNCIO; SANTOS, 2014).

A diversidade de interações com os animais tanto pode ser estudada do ponto de vista das disciplinas da ciência ocidental, tais como zoologia, psicologia e etologia, quanto pela perspectiva da etnociência, mais particularmente da etnozootologia (COSTA-NETO, 2000). Nesse caso, a etnozootologia pode ser definida como a área que investiga a relação entre homem e outros animais (COSTA-NETO, 2000). A etnozootologia pode ser responsável por mapear a relação e os vínculos existentes entre eles trazendo consigo também a responsabilidade por traçar possíveis estratégias para a proteção da fauna, para que assim possa ser possível que haja um manejo sustentável e impeça o desaparecimento de espécies faunísticas típicas de cada bioma (COSTA-NETO, 2000).

O bioma Caatinga, vasto em sua extensão territorial e o único tipicamente brasileiro, possui inúmeras espécies endêmicas tanto da fauna quanto da flora, e é habitado por diversos povos que fazem o uso desses recursos. De acordo com Alves, Gonçalves e Vieira (2012, p.395) “diante das condições adversas deste ambiente, uma grande parte dessa população construiu uma estrutura sociocultural peculiar e uma forte relação com o uso dos recursos naturais disponíveis na região”. Para esses povos, a biodiversidade local fornece muitos elementos necessários para sua sobrevivência. Dentre suas práticas destacam-se a pesca e a caça como as atividades de subsistências mais antigas e as mais importantes quanto seu papel “socioeconômico, por fornecer carne de alto valor nutritivo às famílias locais” (ALVES; GONCALVES; VIEIRA, 2012, p. 395).

Alves, Silva e Vasconcelos (2009) fazem um alerta ao afirmar que a Caatinga constitui um ecossistema que carece de estudos e de valorização, tendo em vista que muitas espécies já foram extintas antes de ser conhecidas. De acordo com Kiill (2011) a Caatinga é descrita na literatura como pobre e de pouca importância biológica. Isso se deve ao fato das poucas informações existentes sobre este bioma, ou as informações que existem, não correspondem a ele. Porém, para Kiill (2011), esse bioma além da importância biológica, apresenta um potencial econômico ainda pouco valorizado.

Com isso, focar nos saberes populares sobre a fauna da Caatinga permitirá além de registrá-los, relacioná-los com os saberes científicos de modo a operacionalizá-los em sala de aula por meio da aproximação dos conteúdos da área de Ciências Biológicas com a realidade de alunos de escolas do campo.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em comunidades campesinas do município de Massapê da Piauí, que se distancia cerca de 60 Km de Picos, a maior cidade do sudeste piauiense. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), a área territorial do município em que a pesquisa foi realizada é de 530,016 km² e sua população estimada é de 6.434 pessoas.

A coleta das informações foi feita no mês de dezembro de 2019 por meio de entrevista semiestruturada (Apêndice A) com moradores dessas comunidades. No primeiro contato, explicava-se o objetivo do projeto e consultava o interesse na participação. Em todas as residências visitadas houve a indicação do morador do sexo masculino, mais velho. Após isso, agendava-se a data da entrevista.

Esta era conduzida no local escolhido pelo entrevistado de modo que estivessem presentes apenas a pesquisadora e ele. Buscou-se a não participação de demais pessoas na entrevista tendo em vista a interferência delas nos dados conforme apontou Albuquerque *et al.* (2014, p.17) que afirmaram que “vários autores já mostraram que a presença de terceiros durante uma entrevista pode provocar mudanças nas respostas dos entrevistados”.

Foi pedido aos participantes a autorização para da gravação da entrevista e, sendo concedida, ela era registrada com um aparelho celular. Todos os áudios foram transcritos. As informações advindas das entrevistas foram analisadas para relacionar os dados obtidos com o conhecimento científico disponível sobre esses animais. Quando necessária a transcrição de algumas falas, estas eram redigidas conforme normas gramaticais para melhor entendimento, principalmente por conta do elevado uso de termos regionais. As transcrições originais foram arquivadas para eventuais consultas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Os dados foram contabilizados e gráficos, quadros e tabelas foram construídos para melhor interpretação. Neste estudo, os animais registrados tiveram a nomenclatura científica consultada no site Catalogue of Life, versão 2019 (<http://www.catalogueoflife.org/annual-checklist/2019/>), e para as aves foi utilizado o *site* Wiki Aves 2018-2020, (<https://www.wikiaves.com.br>). Quanto a classificação e o *status* de conservação das espécies foi utilizado o Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção (ISTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBIO, 2018).

Para confirmação da identificação das espécies citadas pelos moradores, após listagem delas e busca pelo nome científico, distribuição e imagens, retornava-se às residências dos investigados para verificar se eles reconheciam a imagem do animal com seu nome popular. As

informações das espécies citadas e suas respectivas imagens encontram-se nos Apêndices C e D.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO²

Um total de 12 moradores aceitaram participar da pesquisa. As idades variaram de 42 a 85 anos (TAB. 1). Estes sujeitos são provenientes de nove diferentes localidades do município de Massapê do Piauí, sendo quatro deles residentes da mesma comunidade (TAB. 1). Sete desses sujeitos são apenas alfabetizados, três possuem o Ensino Fundamental completo e dois possuem o Ensino Fundamental incompleto (TAB. 1).

Tabela 1 - Perfil dos moradores de comunidades campesinas do município de Massapê do Piauí, Piauí, participantes da pesquisa.

ENTREVISTADO	IDADE (ANOS)	GRAU DE ESCOLARIDADE	LOCALIDADE DE RESIDÊNCIA
1	85	Alfabetizado	Tabuleiro Alto
2	74	Alfabetizado	Jurema
3	68	Alfabetizado	Retiro
4	82	Alfabetizado	Retiro
5	54	Ensino Fund. incompleto	Morcego
6	42	Ensino Fund. incompleto	Altinho
7	70	Ensino Fund. completo	Sede do município
8	58	Ensino Fund. completo	Junco
9	64	Alfabetizado	Retiro
10	71	Ensino Fund. completo	Retiro
11	74	Alfabetizado	Cabaceira
12	77	Alfabetizado	Juazeiro do quito

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Ao serem questionados sobre os animais silvestres que conhecem os sujeitos citaram um total de 100 animais, 47 aves (47%), 22 mamíferos (22%), 12 répteis (12%), 10 insetos (10%), sete peixes (7%) e dois anfíbios (2%). Deste total, foi possível identificar pelo nome científico 90 (90%) (Apêndices C e D). Segundo os pesquisados, 32 animais foram associados a superstições, 30 utilizadas na alimentação, 23 relacionadas ao tratamento de doenças, 17 estão ligados à caça na região, oito são comumente domesticados e dois são citadas no uso do couro

²Para a descrição dos resultados utilizou-se os nomes vulgares das espécies dados pelos pesquisados. Os nomes científicos de cada uma delas encontram-se no Apêndice C, juntamente com imagens que permitem sua identificação.

ou pele (Apêndice C). Vinte animais (20%) foram citados como conhecidos pelos moradores porém não foram associados à nenhuma utilização ou à frequência que são encontrados na região (Apêndices C e D).

Com relação a trabalhos que investigaram o conhecimento popular de moradores da região Nordeste do Brasil, um número bastante inferior de espécies foi reconhecida, entre 20 e 81 espécies (COSTA-NETO, 2000; BARBOSA; ALVES, 2010; ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012; BARBOSA; AGUIAR, 2012). Dessa forma, o fato de resgatar 100 espécies com os moradores de Massapê do Piauí demonstra a forte interação entre essa população com os animais silvestres.

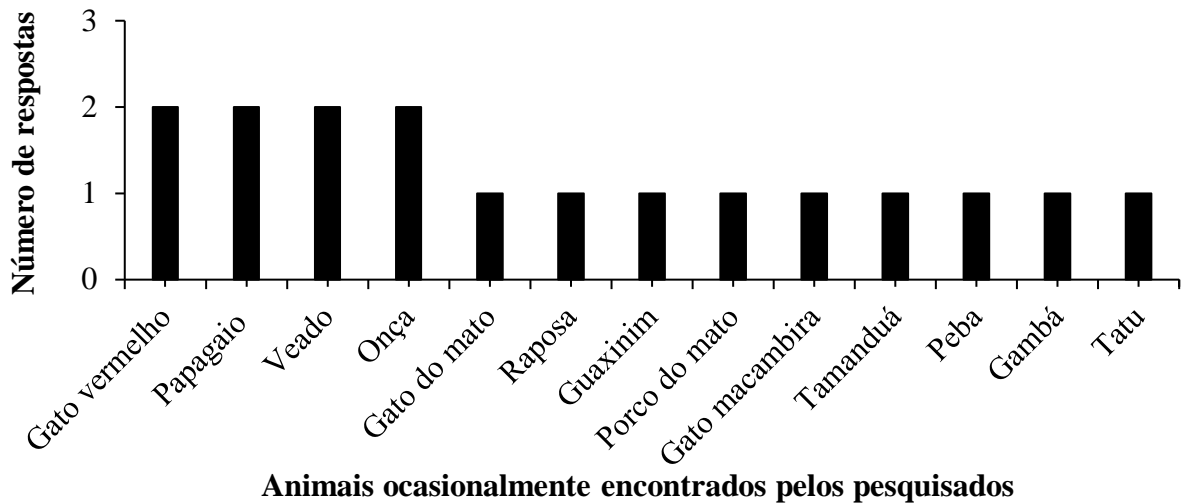
Com relação ao *status* de conservação das espécies, cinco dos animais citados pelos moradores de Massapê do Piauí estão correndo risco de extinção, estando na lista de vulneráveis (VU), sendo eles o jacu, mocó, onça, raposa e o porco do mato; o gato vermelho e o gato macambira está na lista de perigo (EN); o papagaio encontram se na lista de quase ameaçados (NT); a tanajura está na lista de não aplicável (NA); o sapo, a mandaçaia e a arraia estão com dados insuficientes (DD); enquanto os demais animais presentes neste trabalho encontram se em grau menos preocupante (LC) (BRASIL, 2018).

5.1. Ocorrência dos animais silvestres na região de Massapê do Piauí

Com relação as espécies que são ocasionalmente avistadas pelos moradores, 12 mamíferos (93,3%) e uma ave (7,7%) foram citadas (FIG. 1). Quando foram perguntados em que momento esses animais são avistados, todos afirmaram quando estão se deslocando de um local para outro.

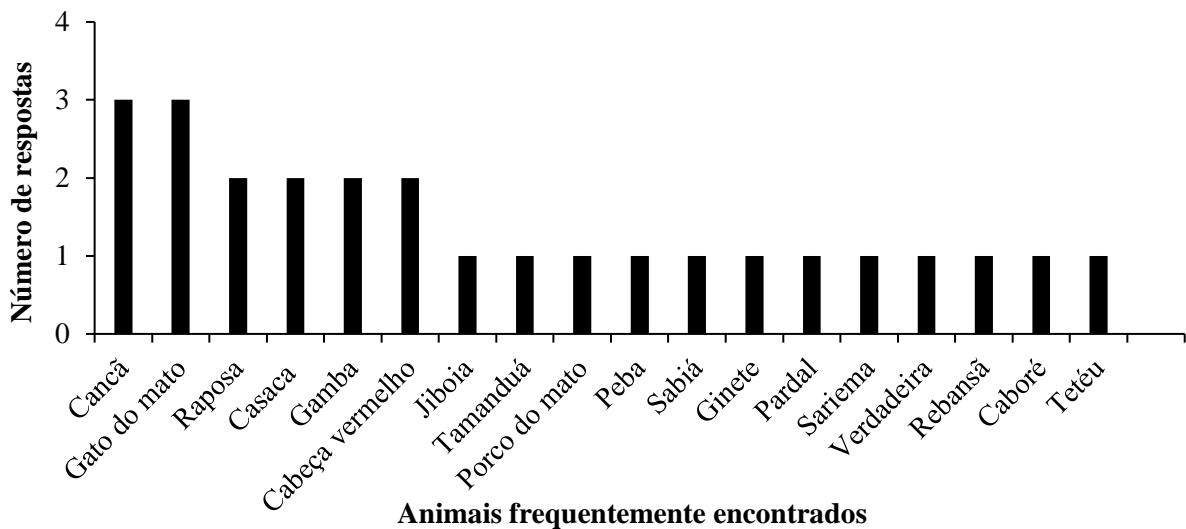
Foi perguntado aos participantes se os animais silvestres aparecem com frequência na propriedade deles e, dos oito que responderam, quatro afirmaram que sim e quatro que não. No entanto, esses que negaram, completavam a resposta apontando algumas espécies como aves e teiú. Assim, como são animais comuns para os moradores eles não consideram de imediato como silvestres. Nesse sentido, 18 espécies foram apontadas, 11 aves (61,1%), seis mamíferos (33,3%) e um réptil (5,6%) (FIG. 2).

Figura 1 - Animais silvestres encontrados ocasionalmente pelos moradores camponeses de Massapê do Piauí, Piauí. A lista com o nome científico (quando possível identificação) e classificação de cada um deles encontram-se no Apêndices C e D.



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Figura 2 - Animais frequentemente encontrados nas propriedades dos moradores camponeses de Massapê do Piauí, Piauí. A lista com o nome científico (quando possível identificação) e classificação de cada um deles encontra-se nos Apêndices C e D.



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Ao analisar os gráficos podemos observar que há uma diversidade de espécies animais que aparece com frequência na casa desses sujeitos, muitos deles, como citados por alguns entrevistados, aparecem nas residências em busca de alimentos, ou até mesmo por esses locais ficarem próximo ao habitat natural desses animais. Nas falas, alguns participantes afirmaram que acabam matando-os por medo ou porque causam algum tipo de prejuízo ou doenças. Além

dessa informação, nove pesquisados indicaram os locais mais prováveis de se encontrar alguns desses animais, como se observa nas falas destacadas:

Debaixo das pedras, debaixo de folhas (Entrevistado 1).

Embaixo de balseiros e nos tabuleiros (Entrevistado 2).

Depende do animal. Por exemplo, o peba gosta mais de viver dentro de buracos na mata. Já a verdadeira em cima do ninho. O jacu na Caatinga porque eles não gostam de ficar perto de casa. Eles são assim, meio cismados, mas tem aqueles que são mansos. A gente encontra mais dentro do mato (Entrevistado 3).

Pedra, sombra de árvore, nas moitas, por traz de moita ou mesmo no campo (Entrevistado 4).

Nos morros, embaixo das árvores, em tocas, dentro de pau ocos (Entrevistado 5).

Eles são mais encontrados onde tem uma água. Ou aqueles que vão para próximo da casa para caçar borrego, ovelha e cabrito (Entrevistado 6).

[São encontrados] em chapada, tabuleiro, em terra mole. O peba gosta muito de terra mole (Entrevistado 7).

Na beira dos rios (Entrevistado 8).

Tem animais que são mais encontrados no tempo de calor, como a raposa, o gato, sempre debaixo de uma pedra, pau, local que tem sombra (Entrevistado 12).

Ao buscar informações sobre os habitats e hábitos das aves, animais bastante citados pelos participantes da pesquisa, confirma-se suas alocações pois, os indivíduos desse grupo em sua maioria tem por hábito permanecer no alto de árvores ou de pequenos arbustos, onde possam encontrar alimento e abrigo, como é o caso do ginete, papagaio e casaca e cabeça vermelha; outras, apesar de ocuparem também as árvores, têm preferência por ficar no chão para busca de alimento, como no caso da verdadeira, avoante e sariema, essa última deixando para voar somente em situações de perigo e sendo comum em cerrados e campos abertos (WIKI AVES, 2020). O tetéu costuma viver em banhados e pastagens e, geralmente, é visto em estradas, campos de futebol e próximos a fazendas; o caboré que gosta de vegetação baixa ou de média altura da mata e costuma ser visto também sentado em Morrões de cercas ou cabos elétricos, ou em barrancos; algumas aves como o sabiá e o pardal conseguiram se adaptar a cidades e pequenos vilarejos desde que possam achar por ali local para se alimentar e água para beber (WIKI AVES, 2019).

Além dessas particularidades, a Caatinga como sofre com períodos longos de estiagem e chuvas periódicas, as espécies animais necessitam se adaptar às alterações naturais na

disponibilidade de alimento e abrigo ocasionado pela variação na pluviosidade da região, sincronizando sua reprodução, por exemplo, à períodos mais favoráveis ao desenvolvimento da prole. Isso faz com que eles sejam avistados com mais ou menos frequência, dependendo da época do ano, conforme apontado pelos participantes da pesquisa.

Algumas respostas também chamaram atenção por indicarem o processo de diminuição das populações de algumas espécies como a onça, que era frequente na região e hoje, eles afirmam, que é muito difícil de ser avistada. De acordo com Azevedo *et al.* (2013, p.114) isso acontece devido a:

supressão e fragmentação de habitats, a retaliação por predação de animais domésticos (tanto o abate “preventivo” de onças-pardas quanto o abate após o evento de predação), e os atropelamentos parecem ser as principais causas de perda de indivíduos da espécie no Brasil. (...) além também da expansão da matriz energética eólica na Caatinga.

No caso de Massapê do Piauí a maior interferência antrópica que pode ter ocasionado a diminuição das populações de onças e outras espécies é a fragmentação dos habitats para plantio e criação de animais, pois essas são atividades crescentes na região.

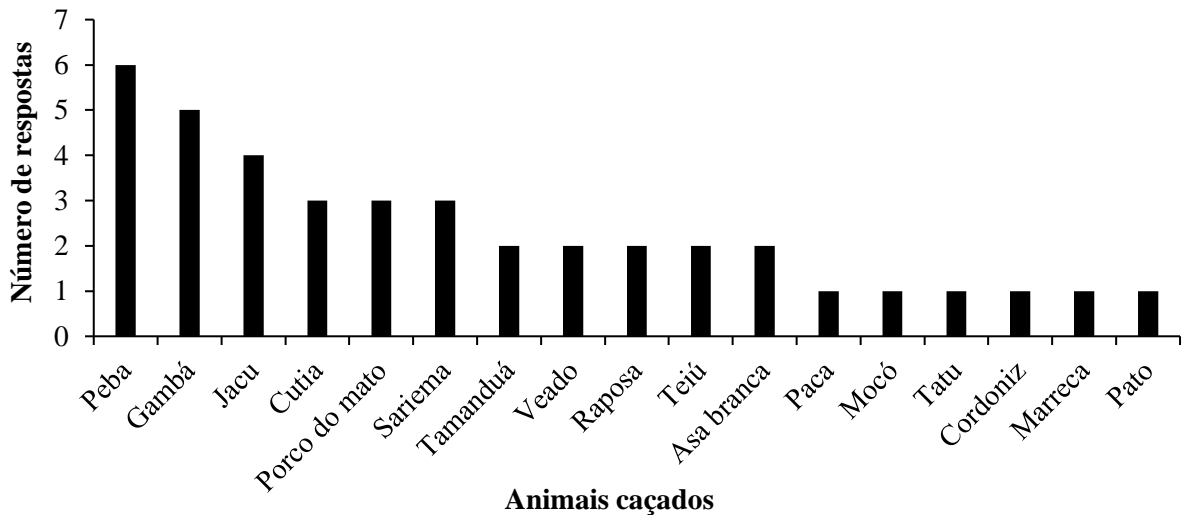
As informações obtidas evidenciam a estreita relação que os pesquisados possuem com a fauna local a ponto de conhecerem os habitats e o comportamento deles. Essa aproximação muitas vezes leva ao desaparecimento desses animais desses locais por conta da pressão de caça ou mortandade justificada pela proteção dos animais domésticos e dos próprios moradores.

5.2 Caça de animais silvestres

Quando questionado a respeito da caça de animais silvestres, 10 participantes (83,3%) afirmaram que já praticaram e apenas dois (16,7%) responderam que não praticam tampouco praticaram essa atividade. Interessante nesse questionamento foi que, dos sujeitos que assumiram caçar, apenas dois entrevistados afirmaram que atualmente a praticam, com um deles ressaltando que hoje apenas “mata teiú e a raposa”. Todos os outros afirmaram que realizavam essa atividade no passado, quando “mais novo”.

Ao todo, os entrevistados citaram 17 espécies que eram as mais caçadas por eles, média de quatro espécies por entrevistado (mínimo = 2; máximo = 9). O tatu peba foi o de maior destaque por ter sido apontado por seis deles (60%), seguido do gambá citado por cinco participantes (50%) e o jacu, por quatro deles (40%) (FIG. 3).

Figura 3 – Animais cinegéticos de Massapê do Piauí, Piauí. A lista com o nome científico (quando possível identificação) e classificação de cada um deles encontram-se nos Apêndices C e D.



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Ao perguntar como eles costumavam capturar os animais, alguns responderam que a caça ocorria a noite e que utilizavam cachorros para a busca e espingarda para o abate. Alguns também afirmavam que, dependendo do animal, preparavam uma armadilha, denominada de “chiqueiro”. No caso da raposa, esse chiqueiro era composto por troncos caídos em que se colocava no meio a “isca”, a qual era uma ave viva. Quando a raposa entrava para capturar a ave os troncos eram derrubados, ela ficava presa e era morta pelo caçador. Outras espécies como o veado, a cutia e o jacu eram caçados por meio da espera, chamada pelos moradores de “tocaia”, quando o caçador entra na mata, em locais onde sabe-se da ocorrência dos animais, e aguarda em silêncio até seu aparecimento. Nesses casos, os animais eram abatidos a tiros.

Os entrevistados ainda falaram sobre a frequência com a qual praticavam a caça desses animais e alguns relataram que caçava somente quando tinham tempo, outros caçavam somente no “tempo certo para a caça”. Com relação a isso, os participantes especificaram as épocas do ano propícias para encontrar os animais, demonstrando ter conhecimento sobre a biologia dos animais da Caatinga, principalmente quando se referiram à reprodução, alimentação e comportamento. Abaixo algumas respostas selecionadas:

Para aves [o melhor período para encontrar] é de maio até julho, depois que as vagens caem das árvores (Entrevistado 4).

O período seco é mais apropriado para se caçar (Entrevistado 5).

Em setembro, outubro, novembro e dezembro a gente não caça, é época de reprodução (Entrevistado 7).

De outubro a fevereiro não pode matar, não pode caçar o gambá, o peba e o tatu (Entrevistado 8).

No período da seca é melhor para gente pegar eles. Já o teiú é nas primeiras águas, quando chove (Entrevistado 9).

O teiú nesse tempo [de chuva], a gente encontra nas moitas, na beira de rio que é mais fresco. Quando é abril, não. Em fevereiro a gente encontra debaixo de juazeiro comendo juá, que é a alimentação dele. Na seca eles ficam guardados no chão, na casa deles (Entrevistado 10).

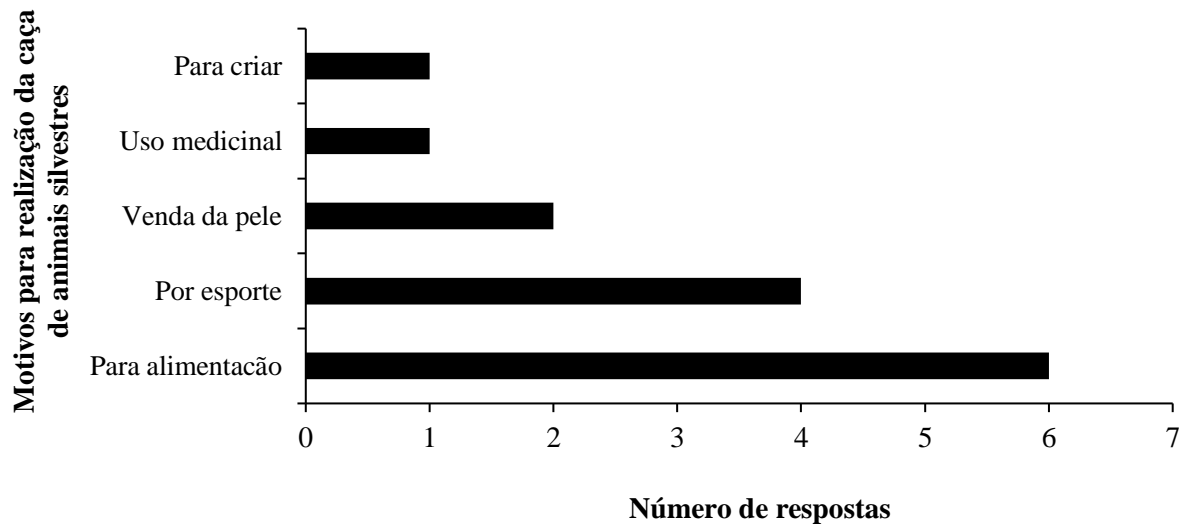
O veado, [aparece] no tempo da barriguda pois ele come a flor. Os jacus nos juazeiros, na época que tem juá, até o mês de maio (Entrevistado 11).

O teiú ele só aparece nas primeiras águas (Entrevistado 12).

Costa-Neto (2000) indicou que as formas de prática da caça na região Nordeste são variadas, com predomínio do uso de cães, como evidenciamos na presente pesquisa. No entanto, esse autor registrou dois modos que não foram apontados pelos moradores de Massapê do Piauí: o uso da beca ou bodoque que são utilizados para capturar aves, pequenos mamíferos e répteis, além da arapuca e arataca, armadilhas para capturar aves e tatu, respectivamente. Isso evidencia as especificidades das comunidades analisadas bem como reforça a intergeracionalidade desse conhecimento dentro de cada uma delas.

Ao serem questionados a respeito do motivo pelo qual praticavam a caça desses animais, todos apontaram mais de uma motivação, sendo a alimentação citada por seis entrevistados; “porque gostava da prática” e “por esporte” foi a motivação de quatro deles; dois alegaram que era para a venda da pele; um apontou também que era para “criar em casa, pela sua beleza”; e, por fim, “para uso medicinal da banha” foi citado por outro participante (FIG. 4). Esses resultados corroboram os obtidos em outras regiões do Nordeste do país evidenciando a diversidade de interação das populações humanas com a fauna local (ALVES; GONSALVES; VIEIRA, 2012; BARBOSA; ALVES, 2010; BARBOSA; AGUIAR, 2012; COSTA-NETO, 1999; COSTA-NETO, 2000; TELES; RODRIGUES; TELES, 2013).

Figura 4 – Motivações dos moradores camponeses de Massapê do Piauí, Piauí, para a prática da caça de animais silvestres.



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

5.3 Uso de animais silvestres na alimentação

Apesar de alguns entrevistados não caçarem ou não fazerem a utilização de animais silvestres na sua alimentação, eles possuem conhecimento sobre a utilização deles como alimento e apontaram 30 animais utilizados na alimentação, 13 mamíferos (43,3%), 11 espécies de aves (36,6%), cinco peixes (16,6%) e um réptil (3,3%). A partir desse resultado pode-se inferir que há uma grande diversidade de animais silvestres inseridos na culinária e na cultura dessa população humana.

Alves, Gonçalves e Vieira (2012) em trabalho realizado nos municípios de São João do Cariri e Cabaceiras, localizados na mesorregião da Borborema, Cariri, no semiárido da Paraíba, identificaram 81 espécies de animais sendo 42 delas utilizadas na alimentação dos moradores. Apesar desse número ser superior ao identificado no presente trabalho, as aves e mamíferos predominaram como os principais vertebrados de importância alimentar na região investigada por eles, como observado também para os moradores de Massapê do Piauí, com destaque para avoante, juriti, asa branca, rolinha, marreca, sariema e codorna como as aves mais citadas e o tatu, mamífero mais apreciado. Esses animais são bastante comuns no semiárido e, no caso das aves, muitos ocorrem em bandos o que facilita sua captura, logo são mais consumidas pelas populações humanas locais.

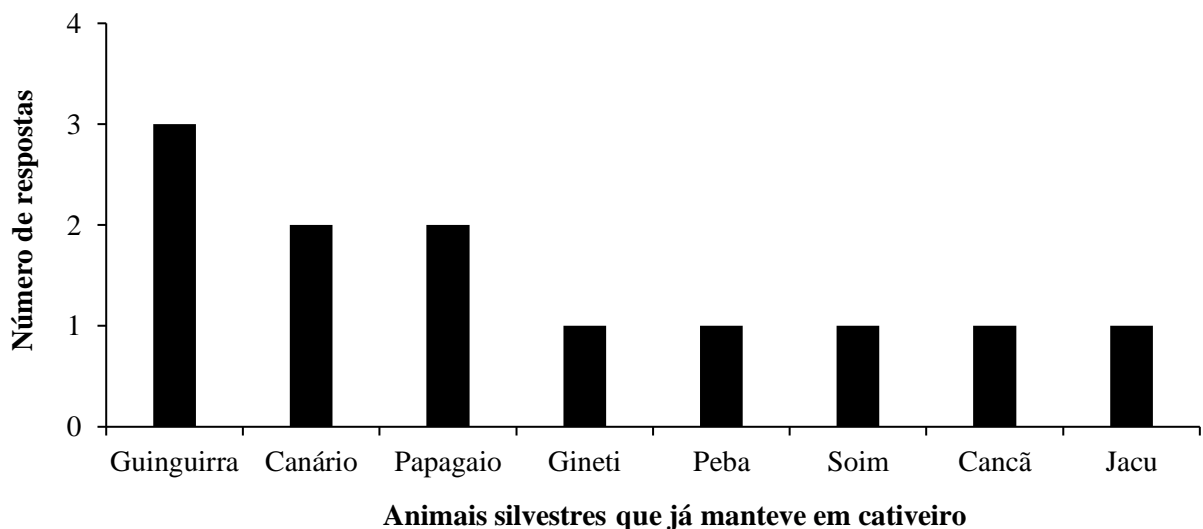
Costa-Neto (2000, p. 429) ao identificar um número representativo de espécies silvestres presentes na alimentação em uma população camponesa da Bahia apontou que o seu consumo “aparentemente tem uma importância nutricional significativa, tendo em vista os baixos

recursos econômicos das famílias locais e a consequente falta de condições materiais para a compra de carne vermelha proveniente de criações”. Essa afirmação não se aplica aos moradores de Massapê do Piauí pois a maioria deles possuem criação, principalmente de ovinos e caprinos (IBGE, 2019). Logo, disponibilizam de fontes de proteínas durante o ano. Assim, o consumo de animais silvestres ocorre por preferência pelo tipo de carne e não por necessidade.

5.4 Criação de animais silvestres

Quando questionados se criam ou já criaram algum animal silvestre em casa, seis (50%) responderam que não e cinco deles (41,7%) relataram que sim. Um participante (8,3%) não respondeu essa pergunta. Oito animais foram apontados, destacando-se as aves, com seis espécies (75%), seguidas dos mamíferos, com duas (25%) (FIG. 5). Dos que admitiram ter criado os animais em suas residências, todos afirmaram que os mantinham soltos, mas dois pesquisados revelaram que os criavam presos pois “se soltassem eles não voltariam mais”. Os moradores pesquisados admitiram que os motivos que os faziam cria-los eram: a admiração de sua beleza, o cuidado com filhotes que caíam do ninho, porque gostavam ou por superstição, pois ter um animal em casa poderia ajudar na cura de alguma doença.

Figura 5 – Animais silvestres mantidos em cativeiro pelos moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí, Piauí.



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

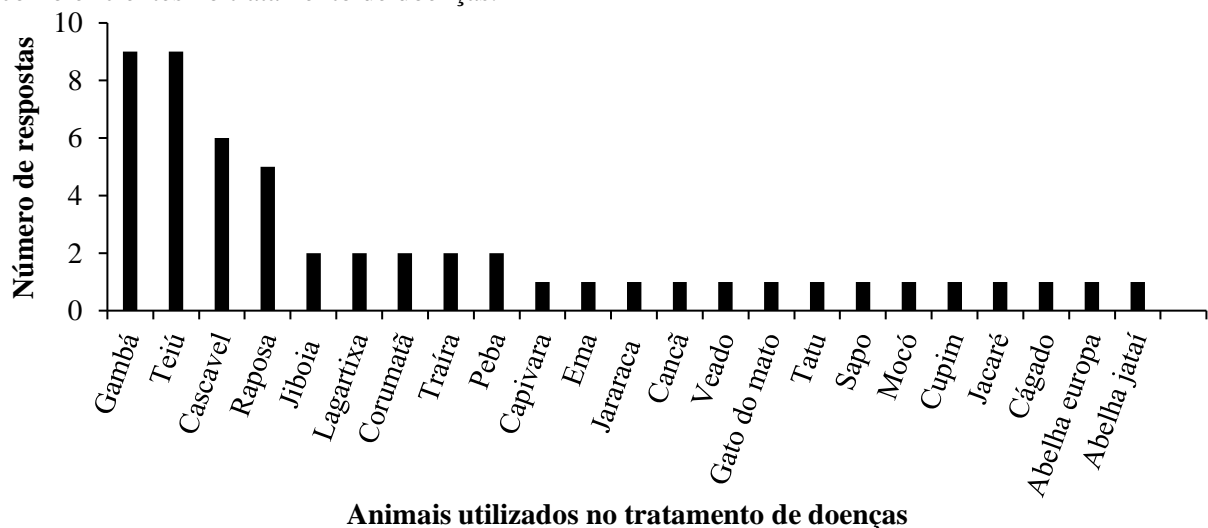
Alves, Gonçalves e Vieira (2012) identificaram 31 espécies de animais silvestres utilizados como animais de estimação no semiárido da Paraíba, 30 aves e um quelônio. De acordo com esses autores as aves são mais capturadas para tentativa de domesticação pelo seu

potencial canoro, pois algumas além do seu próprio canto conseguem imitar o canto de outros animais despertando ainda mais o interesse das pessoas fazendo assim com que haja um aumento de sua procura. Outras, por sua vez, como o cançã, por estar associada à prevenção de doenças nas casas onde são criadas, os moradores também a buscam (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). Em Massapê do Piauí ficou evidente que essas tradições também são bem difundidas, seja por motivos de admiração à beleza ou ao canto do animal e até mesmo à zooterapia.

5.5 Zooterapia

Com relação à utilização de animais silvestres ou partes deles ou de seus ninhos no tratamento de doenças questionamos os sujeitos se eles tinham conhecimento de algum animal silvestre que poderia ajudar na cura de doenças, 11 entrevistados (91,7%) responderam que sim e apenas um (8,3%) respondeu que não conhecia nenhum. Os entrevistados citaram 23 animais, oito mamíferos (34,8%); sete répteis (30,4%), três insetos (13%), dois peixes e duas aves (8,7% cada) e um anfíbio (4,3%) (Apêndice C). Os animais mais citados foram a gambá e o tatu, ambos apontadas por nove dos entrevistados (81,8%), seguidos da cascavel que foi apontada por seis (54,5%) e da raposa que foi citada por cinco deles (45,5%) (FIG. 7).

Figura 6 – Animais apontados pelos moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí, Piauí, como eficientes no tratamento de doenças.



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Os que afirmaram ter essa informação destacaram tanto a espécie utilizada, a parte dela que seria eficiente para o tratamento da saúde, como a doença ou situação a ser tratada

(QUADRO 1). Algumas espécies, no entanto, foram relatadas com destaque para a parte utilizada no tratamento, porém os entrevistados não souberam associá-las à alguma doença ou situação ligada a saúde e uma delas, o gato do mato, não teve nenhuma parte ou indicação de tratamento destacados, mas foi mencionada como utilizado no tratamento de alguma doença (QUADRO 2).

Quadro 1 – Animais silvestres (ou parte deles) e seus produtos que são utilizados na cura de doenças segundo os moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí, Piauí.

ANIMAL UTILIZADO	PRODUTO OU PARTE UTILIZADA	DOENÇA TRATADA
Abelha Europa	Mel	Problemas intestinais
Abelha jataí	Mel	Infecção nos olhos
Cágado	Banha	Dor nas articulações
Cancã	Animal vivo	Asma
Cascavel	Banha	Problemas nas articulações e enfermidade em outros animais
	Peçonha	Combater outras peçonhas
	Carne	Reumatismo
Cobra	Banha	Reumatismo e coluna
Corumatã	Carne	Alergia
Gambá	Carne	Reumatismo
	Banha	Verminose, coluna e reumatismo
	Urina	Asma
Jacaré	Pele	Infecções
Jararaca	Peçonha	Combater outras peçonhas
Jiboia	Banha	Dor
Lagartixa	Pulmão	Retirar farpas da pele
	Animal vivo	Erisipela
Mocó	Banha	Surdez
Peba	Banha	Reumatismo
	Animal vivo	Asma
Raposa	Banha	Hemorroida e verminose
Sapo	Pedaço da pele	Retirar farpas da pele
Teiú	Banha	Gripe, asma, dor no ouvido, Inflamação nas amígdalas, dor de garganta e dor em geral
	Cauda	Reumatismo
Traíra	Banha	Queimadura

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Quadro 2 – Animais silvestres (ou parte deles) e seus produtos que foram reconhecidos pelos moradores de comunidades camponesas de Massapê do Piauí, Piauí, por seu uso no tratamento de doenças, mas sem a indicação delas.

ANIMAL UTILIZADO	PRODUTO OU PARTE UTILIZADA ("DENOMINAÇÃO LOCAL")
Capivara	Banha
Cupim	Cupinzeiro
Ema	Banha
Gato do mato	Banha
Veado	Medula do osso da perna ("tutano da canelinha")
Tatu	Couraça ("casco")

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Um total de 19 usos foram citados: sete doenças específicas, tais como asma, reumatismo, verminose, hemorroida, gripe, alergia e erisipela; cinco indicações de infecções (garganta, amígdala, olhos, ouvido e intestino); três para dores, principalmente nas articulações e coluna; três para acidentes na pele, como queimadura e farpas; um para algo pouco específico, como surdez; e um para combater acidentes ofídicos (QUADRO 1). Essa última indicação foi dada por um dos moradores com base em informações que obteve na televisão, no entanto, todas as demais foram adquiridas com pessoas mais velhas, sendo elas os pais, avós e tios.

Algo bastante peculiar dos relatos foi a utilização dos animais vivos no tratamento das enfermidades. No caso do canã, a cura da asma está associada a captura da ave e manutenção dela no quarto do paciente para que esse durma em companhia do animal. Além disso, os restos do alimento do asmático têm que ser dados para a ave para a doença ser curada. No caso do peba, também utilizado para tratamento da asma, o doente precisa capturar o animal, cuspir na boca dele e solta-lo para a mata. Para o tratamento da erisipela, o doente precisa capturar a lagartixa e esfregar a região ventral do réptil (barriga) na região afetada e depois soltar o animal.

Com os resultados foi possível observar a substancial importância para o uso dos animais silvestres no tratamento das enfermidades. Isso fica mais evidente quando os próprios moradores assumem que fazem uso da zooterapia e, por acreditarem, tanto indicam-na para outras pessoas como, quando recebem as informações de terceiros, replicam-nas mesmo sem testar em si, conforme discursos destacados abaixo:

A banha da raposa eu mesmo digo e conto que bebi por um bando de tempo. Ensinaram para minha mãe dar, no café, três gotinhas da banha da raposa e eu, graças a Deus, fiquei bom (Entrevistado 6).

O “mijo” [urina] do gambá serve para asma. Eu já andei curando uns dois ou três [pessoas] (Entrevistado 7).

Uma senhora ensinou usar o canã para o tratamento da asma. A pessoa doente capturou o animal e sarou da doença. Só que, depois disso, ele não poderia mais matar animais dessa espécie (Entrevistado 10).

Em seu trabalho Costa-Neto (1999) registrou 68 recursos zoterápico. As enfermidades mais citadas foram reumatismo e doenças do aparelho respiratório como asma e bronquite, sendo utilizado para tratamento dessas doenças as gorduras (banhas) dos animais e os méis. A utilização da pele de anfíbios e répteis para a retirada de farpas também foi identificada pelo autor citado. Dessa forma, é possível afirmar que a utilização dos animais para o tratamento de doenças é uma prática difundida no Nordeste brasileiro e as suas indicações não são particulares à determinadas localidades.

5.6 Superstições associadas aos animais silvestres da Caatinga

Foi perguntado aos sujeitos participantes da pesquisa se eles conheciam alguma superstição relacionada aos animais silvestres, nove desses sujeitos (75%) responderam sim, e três (25%) responderam não. Trinta e dois animais foram associados por eles à alguma superstição, 21 aves (65,6%), quatro insetos (12,5), três répteis (9,4%), dois mamíferos (6,3%), um anfíbio e peixe (3,1%, cada). Um participante citou a crença em uma criatura mística protetora dos animais.

Alguns deles citaram superstições que estão diretamente associadas ao comportamento dos animais frente ao anúncio da chegada do período de chuvas na região e da morte, além de outras, conforme relatos abaixo:

A única coisa que muita gente teima é sobre a raposa, de que ela não pode gerar filhote. E que esse filhote nasce da baba [saliva] dela. Isso porque ninguém nunca matou uma raposa amojada [prenhe]. O caçador acha parida, com filhote mamando, mas amojada nunca (Entrevistado 2).

A sariema do mato quando canta está perto de chover. O João-corta-pau, que é o bico de latão, quando está cantando a noite também está perto de chover. “A coam quando está cantando no pau seco é morte e quando canta no pau verde é chuva (Entrevistado 3).

A marreca quando canta é chuva, porque ela vem com o cheiro da chuva. E tem um gaviãozinho aqui que quando você ouve ele cantando alto, canta que chega fica amarelinho, em, no máximo e três dias, chega a chuva aqui no Nordeste (Entrevistado 4).

se você quiser matar cobras, encontra uma, mata e coloca ela com o papo para cima. As outras se aproximam e aí você pode matar as outras. O cançã é um pássaro que vive lá no mato e tem uma experiência que diz que se ele, na época dele se reproduzir, entrar de frente no ninho, ele bebe os ovos. Com a tiúba eu e um amigo meu tivemos uma experiência, trabalhando na roça. Ela apareceu e quando nos aproximamos para pegar, se escondeu e desapareceu. No lugar dela estava um sapo. O veado a gente sai para caçar e, se a gente pegar, ele dá uma de morto e você joga fora porque pensou que ele estava doente ou adoeceu. Daí, como quem não quer nada, ele se levanta e vai embora. Às vezes, em noite de lua, em época de seca ou nas primeiras chuvas, se a mãe da lua cantar duas ou três vezes, os mais velhos falavam para gente, não vai chover nos próximos dias. O canário, o pássaro preto e a casaca preta têm a simpatia das pessoas porque eles cantam. O xexéu sabe a hora que vai amanhecer, canta as cinco horas da manhã (Entrevistado 5).

O vim vim quando canta é sinal que chegará visita. Quando você está sentado na porta da casa e a rasga mortalha canta, a morte de algum familiar ou alguém próximo irá ocorrer. O pessoal diz que o tetéu, quando faz revoada junto da sua casa ou na terra que você está plantando, está adivinhando chuva (Entrevistado 6).

Tem a mãe da lua que quando canta na boca da noite anuncia chuva. O João corta pau também chama chuva quando está cantando. O que tem maior experiência com chuva é o cupim pois se você for no mato e quebrar o cupinzeiro e sair animais voando é porque irá chover em breve, se não sair animal voando, ainda vai demorar para chover (Entrevistado 9).

No veado, o fel é nas unhas. A rasga mortalha quando canta no período de chuva faz a chuva parar ou se não estiver chovendo, a chuva se inicia. O anu grande quando canta muito em moita de beirada de rio anuncia enchente (Entrevistado 11).

O camaleão quando cava buraco no chão está se aninhando e você pode marcar que, com três meses, chove. Quando a peitica canta também vem chuva. O carão também anuncia chuva e enchente do rio. A rasga mortalha quando canta anuncia a morte de alguém da família. A rapa cuia anuncia chuva. A tanajura também, quando aparece é porque vem chuva. Quando o cupim e a formiga criam asas, com três dias chove (Entrevistado 12).

Além dos relatos destacados, três outros chamaram a atenção. O primeiro foi o do Entrevistado 8 por negar a superstição de que o canto da coam atrai a morte. O segundo relato interessante foi o do Entrevistado 11 que afirmou existir uma criatura chamada de dono do mato que não é um animal, mas protege os animais de caçadores em noite de caça. E por último a fala do Entrevistado 12 que ensina uma “reza” para pessoas que se engasgam com ossos de peixe. Abaixo os relatos:

Dizem que a coam mata gente. Isso é mentira. Isso é fome que ela tem (Entrevistado 8).

O dono do mato anda montado numa caça e mata as pessoas que caçam ou o cachorro utilizado na caçada. E se ele não matar, ele bate, na pessoa e no cachorro (Entrevistado 11).

Para pessoas que se engasgam com “espinha” de peixe deve entrar em um local em que a água cubra até o joelho e ficar 15 minutos. Isso faz o osso do peixe descer pois o peixe é da água e ele volta para ela (Entrevistado 12).

Barbosa e Aguiar (2012) em trabalho realizado na comunidade Gravatá, no município de Queimadas, agreste Paraibano, apontaram 20 animais ou derivados destes utilizados para fins místicos e religiosos. Teles, Rodrigues e Teles (2013) em trabalho realizado nos municípios do Crato e Juazeiro do Norte, Ceará, também apresentaram algumas finalidades místicas e religiosas de alguns animais silvestres. Apesar de muitas serem espécies diferentes dos apontados pelos moradores de Massapê do Piauí, a existência desses aspectos supersticiosos em localidades distintas demonstra a diversidade de interações entre a população humana e a fauna local no Nordeste.

Em trabalho realizado na área de proteção ambiental dos Marimbus, município de Iraquara, região da Chapada da Diamantina, centro-norte da Bahia, Costa-Neto (2000, p.429) fala sobre a existência de uma “crença em uma entidade sobrenatural denominada de Dono do Mato, o qual protege os recursos naturais e tem a propriedade de dar vida um animal morto”. Um relato parecido foi feito por um dos moradores de Massapê do Piauí, assim mostrando que essa superstição está presente em muitas regiões do Nordeste. Costa-Neto (2000, p.429) ainda afirma que “aparentemente, a crença em uma entidade que protege os recursos e castiga aqueles que os usam inadequadamente pode servir como uma estratégia de conservação bastante eficiente”, ou seja, seria uma boa forma de conservação e preservação da fauna silvestre, pois a mesma faz com que os caçadores tenham medo de realizar a prática da caça.

5.7 Animais silvestres e a transmissão de doenças

Quando foram indagados se tinham conhecimento a respeito de alguma doença transmitida pelos animais silvestres, oito deles (66,7%) disseram que sim, três (25%) afirmaram que desconheciam essa informação e um (8,3%) não respondeu. Alguns participantes conseguiram associar uma doença a uma espécie animal, mas outros afirmaram não lembrar essa informação (QUADRO 3).

Quadro 3 - Doenças que podem ser transmitidas por animais silvestres segundo os moradores de comunidades camponesas de Massapê do Piauí, Piauí.

ANIMAIS SILVESTRES QUE PODEM TRANSMITIR DOENÇAS	DOENÇAS QUE PODEM SER TRANSMITIDAS
Pássaros	Pixilinga
Peba	Calazar
Preá	Raiva
Qualquer um que tenha carrapato	Calazar
Raposa	Raiva
Tatu	Calazar

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O calazar ou leishmaniose visceral, é uma doença crônica grave causada pelo agente etiológico *Leishmania chagasi* (Cunha & Chagas, 1937), um protozoário parasita pertencente à família Trypanosomatidae (SILVEIRA; CORBETT, 2010). A principal forma de transmissão do parasita para o homem e outros mamíferos é através da picada de fêmeas de dípteros da família Psychodidae e sub-família Phlebotominae, conhecidos genericamente por flebotomíneos (GONTIJO; MELO 2004). Gontijo e Melo (2004, p.340) afirmam que “os hospedeiros silvestres de *L. chagasi* até agora conhecidos são as raposas e os marsupiais” e que, no ambiente doméstico, “o cão é considerado um importante hospedeiro e fonte de infecção para os vetores”. A partir disso, podemos observar que os moradores dessa região têm conhecimento de que os animais silvestres podem estar envolvidos no ciclo da doença, mas desconhecem os mecanismos de infecção, haja visto que associam a transmissão do calazar ao carrapato, ao peba e ao tatu.

Quando se trata da raiva, que teve sua transmissão associada ao preá e a raposa pelos camponeses de Massapê do Piauí, Sousa e Amaral (2014, p.120) afirmam que:

A raiva é uma doença infecciosa de etiologia viral transmitida ao homem por mamíferos domésticos e silvestres caracterizada por sintomatologia nervosa resultante da ocorrência de encefalite aguda. Tais manifestações resultam da ação do vírus rábico, gênero *Lyssavirus*, família Rhabdoviridae, que tem como principal forma de penetração no organismo as soluções de continuidade, originadas através de mordeduras de animais infectados, multiplicando-se no ponto de inoculação onde segue para o sistema nervoso periférico e posteriormente o sistema nervoso central.

Assim, percebe-se que os pesquisados, por meio de suas experiências de vida, possuem conhecimento sobre essa doença, no entanto maiores esclarecimentos sobre ela (e outras) são necessários para garantia da saúde dessa população pois alguns conceitos inadequados ou errôneos podem levar a atitudes e comportamento de risco. Isso é em evidência na atual conjuntura que estamos vivenciando: a pandemia ocasionada pelo COVID-19 cuja

contaminação está associada ao consumo, armazenamento, condições insalubres e manuseio inadequados de produtos oriundos de animais silvestres (AIYAR; PINGALI, 2020).

5.8 Aplicação dos saberes populares na sala de aula

O ensino de Ciências da Natureza vem sendo criticado pelo distanciamento da realidade dos alunos, por ser realizado de maneira descontextualizada e pautado quase que exclusivamente no ensino tradicional dos conhecimentos científicos (SILVA; BAPTISTA, 2018). Baptista (2007, p. 3) já defendia que “o ensino de Ciências no Brasil ainda não incorporou de maneira significativa tentativas de diálogo com as diferentes culturas e formas de conhecimento existentes em nosso país”, o que faz com que o ensino seja baseado somente na “Ciência Ocidental, vista como única forma legítima de conhecimento a ser repassado aos alunos em sala de aula”. Apesar dessa realidade ainda ser uma constante nas escolas do país ela contraria o que é estabelecido no Artigo Primeiro da Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu que se prevê:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p. 1)

De acordo com Baptista (2010, p. 680) “sendo as salas de aula espaços multiculturais, os professores de Ciências da Natureza necessitam, é claro, estarem atentos às diversas concepções prévias dos estudantes, para que possam direcionar as suas aulas às necessidades destes indivíduos e das sociedades onde vivem”. Dessa forma, acessar os saberes populares da comunidade em que o docente atua é uma ferramenta que, além de valorizar a cultura local promove, segundo Baptista (2007), a formação crítica com vistas ao desenvolvimento social e intelectual dos alunos.

Considerando o exposto e a riqueza dos resultados obtidos na presente pesquisa é possível afirmar que os saberes da população campesina de Massapê do Piauí podem (e devem) ser incorporados aos conteúdos a fim de promover a aproximação dos alunos ao conhecimento científicos da área de Zoologia, despertando seu interesse e melhorando a aprendizagem deles. Para isso, o educador do campo pode lançar mão de uma série de atividades que complementar e até substituiriam as aulas expositivas baseadas nos livros didáticos, tais como: pesquisas de campo sobre as espécies animais reconhecidas pela população do referido município, pesquisas

bibliográficas para confirmação dos nomes científicos e classificação taxonômica delas, biologia, comportamento, curiosidades envolvendo esses animais, pesquisa sobre o *status* de conservação deles, elaboração de projetos que visem sua conservação, epidemiologia das zoonoses comuns na região, entre outras. Diante disso, inserir os conhecimentos etnobiológicos na formação de professores das áreas de Ciências da Natureza, principalmente para aqueles que atuarão nas escolas campesinas, se faz primordial para que se tornem mais preparados para trabalhar com o contexto histórico-cultural de cada grupo onde a escola está inserida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados obtidos ficou evidente a diversidade de informações que a população campesina de Massapê do Piauí possui sobre os animais da região. Informações essas aprendidas com seus pais, avós, vizinhos, e que são repassadas para outras gerações. No decorrer das entrevistas ficou claro que os moradores locais baseiam seu cotidiano nesses saberes, seja na alimentação, no tratamento de doenças e até na compreensão do funcionamento da realidade, pelas superstições. Ou seja, os saberes populares desses camponeses sobre a fauna local são extremamente ricos.

Ao relacionar os saberes populares dos moradores do referido município com informações científicas referentes aos animais investigados confirmou-se a pertinência da sua utilização em sala de aula além de lacunas que precisam ser trabalhadas no ambiente escolar, principalmente relacionadas às zoonoses, à questão da caça e domesticação deles. Dessa forma, o resgate destes saberes se mostrou extremamente frutífero para estudos futuros mais aprofundados na área de etnozologia bem como para ser utilizado como fonte de informações para trabalhos pedagógicos nas escolas do campo da região tendo em vista que muitos dos conhecimentos populares registrados podem ser utilizados para a contextualização de conteúdos e construção de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- AIYAR, A; PINGALI, P. Pandemics and food systems- toward a proactive food safety approach to disease prevention & management. **Food Secur.** 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7351553/>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* Methods and Techniques Used to Collect Ethnobiological Data. P. 17. In: ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* **Methods and Techniques in Ethnobiology and ethnoecology**, New York: Ed. Humana Press. 2014.
- ALVES, L. I. F; SILVA, M. M. P; VASCONCELOS, K. J. C. Visão de comunidades rurais em Juazeirinho/PB referente a extinção da biodiversidade da caatinga. **Revista caatinga**, Mossoró, v. 22, n. 1, p.180-186, 2009. Disponível em: <http://periodicos-ufersa.edu.br/index.php/caatinga/article/view/406>. Acesso em: 07 mar. 2021.
- ALVES, R. R. V; GONCALVES, M. B. R; VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. **Tropical Conservation Science**, Thousand Oaks, v. 5, n. 3, p. 394-416, 2012. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/194008291200500312>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- ARMSTRONG, D. L. P; BARBOZA, L. M. V. **Metodologia do ensino de Ciências biológicas e da natureza**. Curitiba: Inter Saber, 2012. 230 p.
- AZEVEDO, F. C. *et al.* Avaliação do risco de extinção da Onça-parda *Puma concolor* (Linnaeus, 1771) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, Brasília (DF), v.3, n. 1, p. 107-121, 2013. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-brasileira/avaliacao-do-risco/carnivoros/on%C3%83%C2%A7a-parda_Puma_concolor.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.
- BAPTISTA, G. C. S. **A Contribuição da etnobiologia para o ensino e a aprendizagem de Ciências: estudo de caso em uma escola pública do Estado da Bahia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2007.
- _____. Importância da demarcação de saberes no ensino de ciências para sociedades tradicionais. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 16, n. 3, p. 679-694, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132010000300012&script=sci_abstract&tlng=p. Acesso em: 02 mar. 2021.
- BARBOSA, J. A. A; AGUIAR, J. O. Utilização místico tradicional da fauna no semiárido Paraibano. **Revista eletrônica polemica**, [s.l.], v. 11, n. 4, p. 642-649, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.ufsm.br/index.php/polemica/article/view/4332>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- BARBOSA, J. A. A; ALVES, R. R. N. “Um chá de que?” – Animais utilizados no preparo tradicional de bebidas medicinais no Agreste Paraibano. **Biofar - Revista de Biologia e**

farmácia, Campina Grande, v. 04, n. 02, p. 1-12, 2010. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO-EV056-MD1-SA13-ID-11848-15082016215353.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BARBOSA, M. A. *et al.* Saber popular: Sua existência no meio universitário. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília (DF), v. 57, n. 6, p. 715-719, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n6/a17.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília: DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 04 mar. 2021.

_____. MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. **Caatinga**. [201-?]. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga.html>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CEOLIN, I; CHASSOT, A. I; NOGARO, A. Ampliando a alfabetização científica por meio do diálogo entre saberes acadêmicos, escolares e primevos. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 18, n. 18, p. 13-34, Itabaiana, 2015. Disponível em: www.ser.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/4751/3972. Acesso em: 23 mar. 2021.

CHASSOT, A. Fazendo Educação em Ciências em um Curso de Pedagogia com Inclusão de Saberes Populares no Currículo. **Química Nova na Escola**, São Paulo, n. 27, p. 9-12, 2008. Disponível em: <http://webeduc.mec.gov.br/portaldoprofessor/quimica/sbq/QNEsc27/03-ibero2.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

CÓRDULA, E. B. L; NASCIMENTO, G. C. C. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/12/a-produo-do-conhecimento-na-construo-do-saber-sociocultural-e-cientfico>. Acesso em: 19 mar. 2021.

COSTA-NETO, E. M. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararé que habitam no nordeste do estado da Bahia, Brasil. **Revista Actualidades Biológicas**, Medellín, v. 21, n. 70, p. 69-79, 1999. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/actbio/article/view/329774>. Acesso em: 11 mar. 2021.

_____. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade Afro-Brasileira. Resultados preliminares. **Revista Interciência**, Caracas, v. 25, n. 9, p. 423-431, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33905105>. Acesso em: 05 mar. 2021.

COSTA, R. G. A. Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: Uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistemática**, Rio Grande, v. 8, p. 162-172, 2008. Disponível em: <http://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1303>. Acesso em: 22 mar. 2021.

COSTA, P. G et al. Saberes etnoecológicos dos pescadores artesanais e alunos da planície alagável do alto rio Paraná. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. l.], v. Especial, p.86-96, 2014. DOI: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.4432>. Disponível em: <http://periodicos.furg.br/remia/article/view/4432/2785> Acesso em: 08 mar. 2021.

GONDIM, M. S. C.; MÓL, G. S. Saberes Populares e Ensino de Ciências: Possibilidades para um trabalho interdisciplinar. **Química Nova na Escola**, São Paulo, n. 30, p. 3-9, 2008. Disponível em: <http://www.qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/02-QS-6208.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

GONTIJO, C.M. F; MELO, M. N. Leishmaniose visceral no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de epidemiologia**, São Paulo, v.7, n.3, p. 338-349, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2004.v7n3/338-349/pt/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/massape-do-piaui.html?> Acesso em: 08 mar. 2021.

_____. **Massapê do Piauí**: Produção da Pecuária Municipal 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/massape-do-piaui/pesquisa/18/16459?tipo=ranking&indicador=16548>. Acesso em: 08 mar. 2021.

STITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. 1 ed. Brasília, DF: ICMBio/MMA. 2018. 492 p. [Vol. I, II, III e IV]

INTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS – INPE. **Nordeste mapeia desmatamento da caatinga**. São José dos Campos, 2015. Disponível em: http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=3895. Acesso em: 15 mar. 2021.

KIILL, L. H. P. *et al.* **Preservação e uso da caatinga**. 1. ed. Brasília (DF): Ed. Embrapa, 2007. Disponível em: <http://www.embrapa.br/busca-de-publicações/-/publicação/130742/preservação-e-uso-da-caatinga>. Acesso em: 05 mar. 2021.

KIILL, L. H. P. Caatinga: patrimônio Brasileiro ameaçado. **Agronline.com.br**. 2011. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigo/artigo.php?id=81>. Acesso em: 03 mar. 2021.

LIMA, J. R. B; FLORÊNCIO, R. R; SANTOS, C. A. B. Contribuições da etnozootologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, Juazeiro, v. 4, n. 3, p. 48-67, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unib.br/index.php/ouricuri/article/view/1121/768>. Acesso em: 04 mar. 2021.

NASCIBEM, F. G; VIVEIRO, A. A. Para além do conhecimento científico: A importância dos saberes populares para o ensino de ciências. **Revista interações**, Campo Grande, v. 11, n. 39, 2015. [Número especial - XV Encontro Nacional de Educação em Ciências]. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interações/article/view/8738>. Acesso em: 01 mar. 2021.

OLIVEIRA, W. S. L de. **Atividades cinéticas e de usos da fauna silvestre, em uma área rural do semiárido paraibano**. 2014. 54f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em ciências Biológicas) -Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.br.vepd.edu.br/jspui/homdle/123456789/3793>. Acesso em: 06 mar. 2021.

PRADO, D. E. As Caatingas da América do Sul. p. 3-74. *In*: LEAL, I. R; TABARELLI, M; SILVA, J. M. C. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. 20. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

RESENDE, D. R; CASTRO, R. A; PINHEIRO, P. C. O Saber Popular nas Aulas de Química: Relato de Experiência Envolvendo a Produção de Vinho de Laranja e sua Interpretação no Ensino Médio. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 151-160, 2010. Disponível em: <http://projetoeduc.cicierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/quimica/novaeja/m2u12/o-saber-popular-nas-aulas-de-quimica-04-RSA-5409.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SAMPAIO, J. L. F. Discutindo a integralização dos saberes frente ao poder. **Rede-revista eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 99-102, 2007. Disponível em: <http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/6>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SILVA, F. A; LUCA, A. G; AREND, A. Interagindo os saberes populares com os saberes científicos através de um estudo envolvendo a fabricação de pão. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.200.129.168.14.9000/educit/index.php/teste/article/view/16>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SILVA, S. F; NETO, J. F. M. Saber popular e saber científico. **Revista temas em educação**, João Pessoa, v. 24, n. 2, p. 137-154, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/25060/14567>. Acesso em: 08 mar. 2021.

SILVA, M. L. S; BAPTISTA, G. C. S. Conhecimento tradicional como instrumento para a dinamização do currículo e ensino de ciências. **Gaia Scientia**, Paraíba, v. 12, n. 4, p. 90-104, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/view/38710>. Acesso em: 04 mar. 2021.

SILVEIRA, F. T; CORBERTT, C. E. P. *Leishmania chagasi* Cunha & Chagas, 1937: nativa ou introduzida? Uma breve revisão. **Revista pan-amazônica de Saúde**, Ananindeua, v. 1, n. 2, p. 143-147, 2010. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232010000200018&lng=pt&nrm=is&tlng=pt. Acesso em: 24 mar. 2021.

SOUZA, P. G.; AMARAL, B. M.O. M.; GITTI, C. B. Raiva animal na cidade do Rio de Janeiro: emergência da doença em morcegos e novos desafios para o controle. **Revista Instituto Adolfo Luz**, Rio de Janeiro, v. 73, n. 1, p. 119-124, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Clayton_Gitti/publication/291217370_Raiva_animal_na_cidade_do_Rio_de_Janeiro_emergencia_da_doenca_em_morcegos_e_novos_desafios_para_o_controle/links/5c51bc6792851c22a39bc52c/Raiva-animal-na-cidade-do-Rio-de-Janeiro-emergencia-da-doenca-em-morcegos-e-novos-desafios-para-o-controle.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

TAQUARY, E.O.B. Diálogo entre os saberes: As relações entre senso comum, saber popular, conhecimento científico e escolar. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília (DF), v. 5, n. 1/2, p. 97-104, jan./dez. 2007. Disponível em:

<http://search.proquest.com/openview/914168c240da3471c73a08d3bce900a7/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2031894> Acesso em: 25 mar. 2021.

TELES, D. A.; RODRIGUES, J. K.; TELES, E. A. Uso místico-religioso da fauna comercializada em feiras livres nos municípios de Cratos e Juazeiro do Norte, Ceará, Nordeste do Brasil. *Etnobiologia*, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 28-33, 2013. Disponível em: <https://revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/184>. Acesso em: 26 mar. 2021.

TRÓPIA, G; XAVIER, P. M. A; FLÔR, C. C. Roda de saberes populares na educação em ciências: Perspectivas para formação de professores. Diversidade, multiculturalismo e educação em ciências. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia, **Atas** [...]. Águas de Lindóia, 2013, p .1-8. Disponível em: www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R1354-1.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. 2002. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declaração%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

WIKI AVES. **Wiki Aves, a Enciclopédia das Aves do Brasil**. 2020. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

XAVIER, M. A; FLÔR, C. C. C. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 308-328, mai./ago. 2015. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/espec/v17n2/1983-2117-espec-17-02-00308.pdf>. Acesso em: 02 de mar. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

1- Identificação do entrevistado

2- Sexo do entrevistado

3- Idade

Localidade onde mora

4- Grau de escolaridade

Informações sobre o objeto da pesquisa

5- Quais os animais silvestres da região você conhece?

6- Qual é seu contato com esses animais? (Por meio de alimentação, criação, tratamento de doenças ou ocasionalmente?)

Se for para alimentação:

7- Você mesmo caça esses animais?

8- Quais os animais são mais caçados por você?

9- Qual a forma de caça de cada um deles?

10- Por que você pratica a caça desses animais?

11- Com qual frequência você realiza a caça desses animais?

12- Existe alguma época do ano específica para cada um deles?

13- Se você não caça como tem acesso a eles? (Compra, ganha de alguém?)

14- Como e feito o preparo do prato com esses animais?

Se for para criação:

15- Você cria ou já criou animais silvestres em casa?

16- Quais animais já criou(a)?

17- Por que criou(a) esses animais?

18- Eles ficavam(ficam) soltos ou presos?

19- Você tem conhecimento sobre doenças que podem transmitir? Se sim, quais doenças você conhece que podem ser transmitidas diretamente por eles?

Na medicina:

20- Você tem algum conhecimento sobre animais silvestres que podem ajudar na cura de doenças?

21- Quais animais são utilizados no tratamento de doenças?

22- Como eles são utilizados?

23- Para tratamento de quais doenças eles são utilizados?

24- Quem ensinou o uso desse(s) medicamento(s)?

Animais encontrados ocasionalmente

25- Quais animais são encontrados ocasionalmente?

26- Que momentos eles são avistados? (enquanto trabalha, pesca, está se deslocando de um lugar para outro?)

27- Em sua residência aparece muitos desses animais silvestres?

28- Quais são os que aparecem com mais frequência?

29- Quais os locais que são mais encontrados? (embaixo de folhço, embaixo de pedras, no chiqueiro, banheiro)

Sobre superstições

30- Você conhece alguma superstição a respeito de algum animal silvestre?

31- Consegue se lembrar dela? Pode contar?

32- Quem contou essa história para você?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/CIÊNCIAS DA NATUREZA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do estudo: Saberes populares de moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí sobre os animais silvestres

Pesquisadoras responsáveis: Graduanda Florisa Coelho Rodrigues e Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

Instituição/Curso: UFPI /Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza

Telefone para contato: (89) 99940-63427

Local da coleta de dados: Comunidades campesinas do município de Massapê do Piauí.

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. As pesquisadoras deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Objetivo do estudo: Resgatar os saberes populares de moradores de comunidades campesinas de Massapê do Piauí a respeito da fauna silvestre de modo a registrar essas informações para subsidiar a contextualização de aulas de Biologia nas escolas do campo da região.

Procedimentos: As informações para esta pesquisa serão obtidas por meio de entrevista gravadas a respeito do conhecimento sobre a fauna silvestre da região

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos: A participação na entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelas pesquisadoras responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Massapê do Piauí, ____de _____ 201____.

Assinatura do entrevistado

Pesquisadora Responsável

APÊNDICE C – LISTA DOS ANIMAIS SILVESTRES RECONHECIDOS PELOS MORADORES DE MASSAPÊ DO PIAUÍ³

AVES			
Nome popular	Nome científico	Relação	Figura
Anu preto	<i>Crotophaga ani</i> (Linnaeus, 1758)	Superstição	1A
Asa branca Verdadeira	<i>Patagioenas picazuro</i> <i>marginalis</i> (Naumburg, 1932)	Encontrada com frequência na propriedade Caça Alimentação	1B
Avoante Rebansã	<i>Zenaida auriculata noronha</i> (Sharpe, 1890)	Encontrado com frequência na propriedade Alimentação	1C
Azulão	<i>Cyanoloxia brissonii brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	-	1D
Bem-te-vi Vim vim	<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	Superstição	1E
Bico de latão	<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	-	1F
Cabeça vermelha	<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	Encontrada com frequência na propriedade Superstição	1G
Caburé	<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	Encontrado com frequência na propriedade Superstição	1H
Canário	<i>Sicalis flaveola brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	Criação	1I
Cancã	<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	Encontrado com frequência na propriedade Criação Medicina Superstição	2A
Carão	<i>Aramus guarana</i> (Linnaeus, 1766)	Superstição	2B
Carcará Gavião grande	<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	-	2C
Casaca preta Xexéu	<i>Chrysomus ruficapillus frontalis</i> (Vieillot, 1819)	Superstição	2D
Casaca vermelha	<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	Encontrada com frequência na propriedade	2E
Coam Acauã	<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	Superstição	2F
Codorniz	<i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825)	Caça Alimentação	2G
Colero	<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	-	2H
Ema	<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)	Alimentação Medicina	2I
Gavião pequeno	<i>Rupornis magnirostris</i>	Superstição	2J

³ A definição dos nomes científicos pautou-se na pesquisa através do nome vulgar, checagem de distribuição da espécie e conferência junto aos moradores por meio das imagens.

	(Gmelin, 1788)		
Garça	<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	-	2K
Ginete	<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	Encontrado com frequência na propriedade Criação	2L
Guinguirro	<i>Eupsittula cactorum</i> (Kuhl, 1820)	Criação	3A
João de barro	<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	Superstição	3B
João corta pau	<i>Antrostomus rufus</i> (Boddaert, 1783)	Superstição	3C
Jacu	<i>Penelope jacucaca</i> Spix, 1825	Caça Alimentação Criação	3D
Juriti	<i>Leptotila verreauxi</i> <i>approximans</i> (Cory, 1917)	Alimentação	3E
Lambu	<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	Alimentação	3F
Mãe da lua	<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	Superstição	3G
Maracanã	<i>Psittacara leucophthalmus</i> (Statius Muller, 1776)	-	3H
Marreca	<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	Caça Alimentação Superstição	3I
Peitica	<i>Tapera naevia naevia</i> (Linnaeus, 1766)	Superstição	4A
Papa sebo	<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	-	4B
Papagaio	<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	Encontrado ocasionalmente Criação	4C
Pardal	<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	Encontrado com frequência	4D (Espécie exótica)
Pássaro preto	<i>Gnorimopsar chopi sulcirostris</i> (Spix, 1824)	-	4E
Pato do mato	<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	Caça Alimentação	4F
Rasga mortalha	<i>Tyto furcata tuidara</i> (J.E. Gray, 1829)	Superstição	4G
Rolinha branca	<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	-	4H
Rolinha pedrês	<i>Columbina squammata</i> <i>squammata</i> (Lesson, 1831)	Superstição	4I
Sabiá	<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	Encontrado com frequência	5A
Seriema	<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	Encontrada com frequência Caça Alimentação Superstição	5B
Sofreu	<i>Icterus jamacaii</i>	-	5C

	(Gmelin, 1788)		
Tetéu	<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	Encontrado com frequência na propriedade Superstição	5D
Tiuba	<i>Mustelirallus albicollis typhoea</i> (J. L. Peters, 1932)	Superstição	5E
Três pote	<i>Aramides cajaneus</i> (Stadius Muller, 1776)	Alimentação Superstição	5F
Unha de gato	<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	-	5G
Vim vim	<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	Superstição	5H
MAMÍFEROS			
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	Alimentação Medicina	6A
Cutia	<i>Desyprocta leporina</i> (Linnaeus, 1758)	Caça Alimentação	6B
Furão	<i>Galictis vittata</i> (Schreber, 1776)	-	6C
Guaxinim	<i>Procyon cancrivorus</i> (Cuvier, 1798)	Encontrado ocasionalmente	6D
Gambá	<i>Conepatus semistriatus</i> Boddaert, 1785	Encontrado ocasionalmente Encontrada com frequência na propriedade Caça Alimentação Medicina	6E
Gato macambira	<i>Leopardus tigrinus</i> Schreber, 1775	Encontrado ocasionalmente Uso da pele	6F
Gato Vermelho	<i>Herpailurus yagouaroundi</i> (Geoffroy, 1803)	Encontrado ocasionalmente Encontrado com frequência na propriedade Alimentação	6G
Gato do mato	Não especificado	Encontrado ocasionalmente Medicina	-
Mocó	<i>Kerodon rupestris</i> (Wied-Neuwied, 1820)	Caça Alimentação Medicina	6H
Onça	<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	Encontrado ocasionalmente	6I
Paca	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	Caça Alimentação	6J
Raposa	<i>Lycalopex vetulus</i> (Lund, 1842)	Encontrada ocasionalmente Encontrada com frequência na propriedade Caça Medicina Superstição Uso da pele	6K
Peba	<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	Encontrado ocasionalmente Encontrado com frequência na propriedade	7A

		Caça Alimentação Criação Medicina	
Porco do mato	<i>Tayassu pecari</i> Link, 1795	Encontrado ocasionalmente Encontrado com frequência Caça Alimentação	7B
Preá	<i>Cavia aperea</i> Erxleben, 1777	Alimentação	7C
Saruê	<i>Didelphis marsupialis</i> Linnaeus, 1758	-	7D
Soim	<i>Callithrix jacchus</i> (Linnaeus, 1758)	Criação	7E
Tamanduá	<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	Encontrado ocasionalmente Encontrado com frequência Caça Alimentação	7F
Tatu	Não especificado	Medicina	-
Tatu china	<i>Dasyopus septemcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	Encontrado ocasionalmente Caça Alimentação	7G
Tatu verdadeiro	<i>Dasyopus novemcinctus</i> (Lineu, 1758)	Alimentação	7H
Veado	<i>Mazama gouazoubira</i> Fischer, 1814	Encontrado ocasionalmente Caça Alimentação Medicina Superstição	7I
RÉPTEIS			
Cágado	<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	Medicina Superstição	8A
Calango	<i>Tropidurus semitaeniatus</i> (Spix, 1825)	-	8B
Calango verde	<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	-	8C
Camaleão	<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	Superstição	8D
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i> Lineu, 1758	Medicina	8E
Corredeira	<i>Thamnodynastes pallidus</i> (Linnaeus, 1758)	-	8F
Cobra	Não especificado	Superstição	-
Jacaré	<i>Caiman latirostris</i> Daudin, 1802	Medicina	8G
Jararaca	<i>Bothrops alternatus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	Medicina	8H
Jiboia	<i>Boa constrictor</i> Linnaeus, 1758	Encontrada com frequência Medicina	8I

Lagartixa	<i>Tropidurus oreadicus</i> Rodrigues, 1987	Medicina	8J
Teiú	<i>Salvator merianae</i> AM.C. Duméril & Bibron, 1839	Caça Alimentação Medicina	8K
ANFÍBIOS			
Rapa cuia	Não especificado	Superstição	-
Sapo	<i>Rhinella jimi</i> (Stevaux, 2002)	Medicina	9
INSETOS			
Abelha branca	<i>Frieseomelitta varia</i> Lepelletier 1836	-	10A
Arapuá	<i>Trigona spinipes</i> (Fabricius, 1793)	-	10B
Mariposa*	Não especificado	Superstição	10C
Cupim*	Não especificado	Medicina	10D
		Superstição	
Europa	<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758	Medicina	10E
Formiga*	Não especificado	Superstição	10F
Jati	<i>Tetragonisca angustula</i> (Latreille, 1811)	Medicina	10G
Mandaçaia	<i>Melipona mandacaia</i> Smith 1863	-	10H
Sanharo	<i>Trigona truculenta</i> Almeida, 1984	-	10I
Tanajura	<i>Atta cephalotes</i> (Linnaeus, 1758)	Superstição	10J
PEIXES			
Arraia*	Não especificado	-	11A
Curumatã	<i>Prochilodus lineatus</i> (Valenciennes 1847)	Alimentação Medicina	11B
Peixe	Não especificado	Superstição	-
Piau*	Não especificado	Alimentação	11C

Piranha	<i>Pygocentrus nattereri</i> Kner, 1858	Alimentação	11D
Traíra	<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	Alimentação Medicina	11E
Tilápia	<i>Oreochromis mossambicus</i> (W.K.H. Peters, 1852)	Alimentação	11F

* Os animais não especificados foram representados por imagens que mais se assemelhavam com os que ocorrem na região.

APÊNDICE D – IMAGENS DOS ANIMAIS SILVESTRES RECONHECIDOS PELOS MORADORES CAMPESINOS DE MASSAPÊ DO PIAUÍ, PIAUÍ⁴

Figura 1 – Aves reconhecidas pelos moradores de Massapê do Piauí.



⁴ Para a seleção das imagens os moradores foram consultados nos casos de dúvidas sobre as que ocorrem na região.

Figura 2 – Aves reconhecidas pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 3 – Aves reconhecidas pelos moradores de Massapê do Piauí.

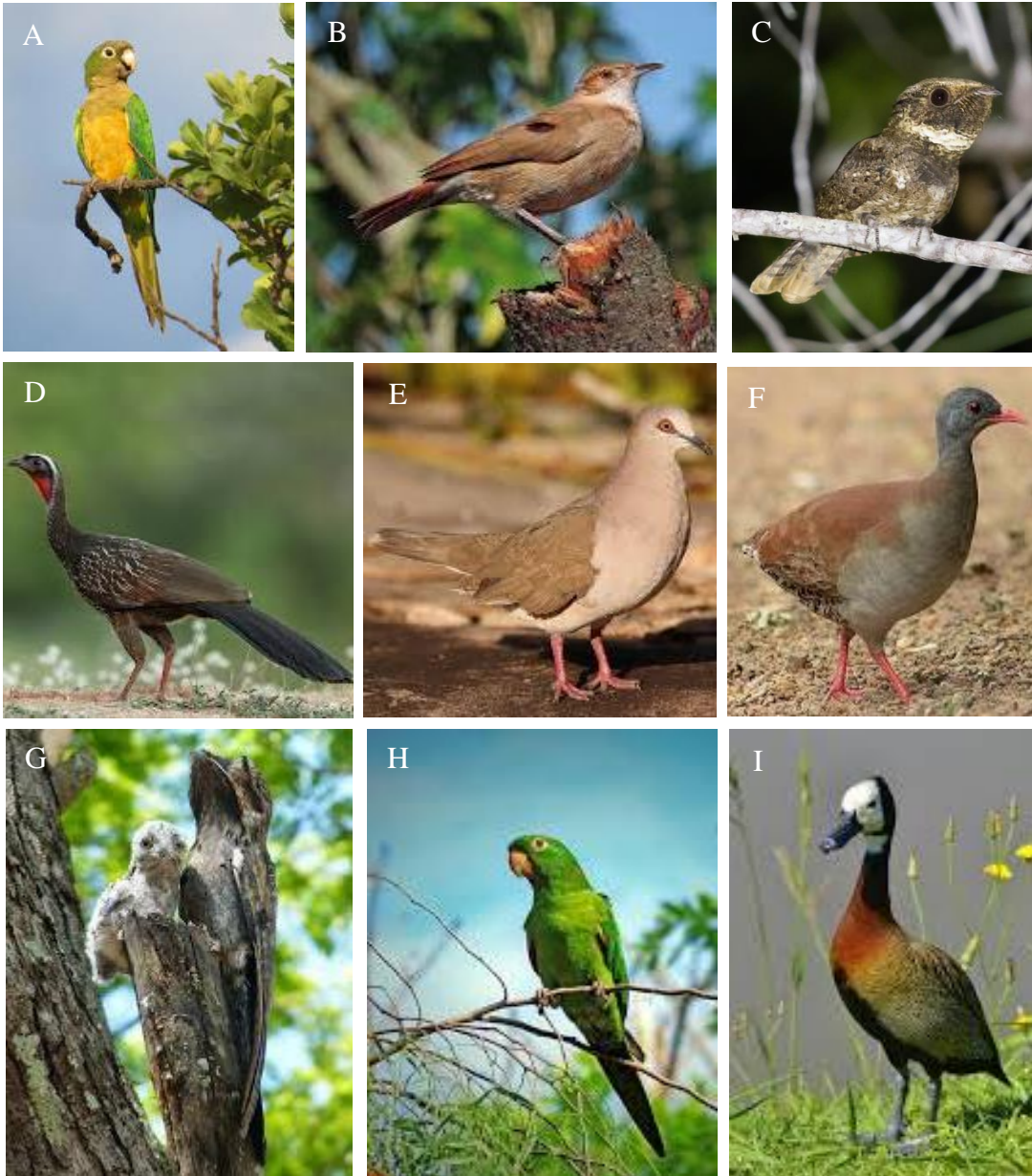


Figura 4 – Aves reconhecidas pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 5 – Aves reconhecidas pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 6 – Mamíferos reconhecidos pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 7 – Mamíferos reconhecidos pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 8 – Repteis reconhecidos pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 9 – Anfíbio reconhecido pelos moradores de Massapê do Piauí.



Figura 10 – Insetos reconhecidos pelos moradores de Massapê do Piauí. Os animais não especificados foram representados por imagens que mais se assemelhavam com os que ocorrem na região.

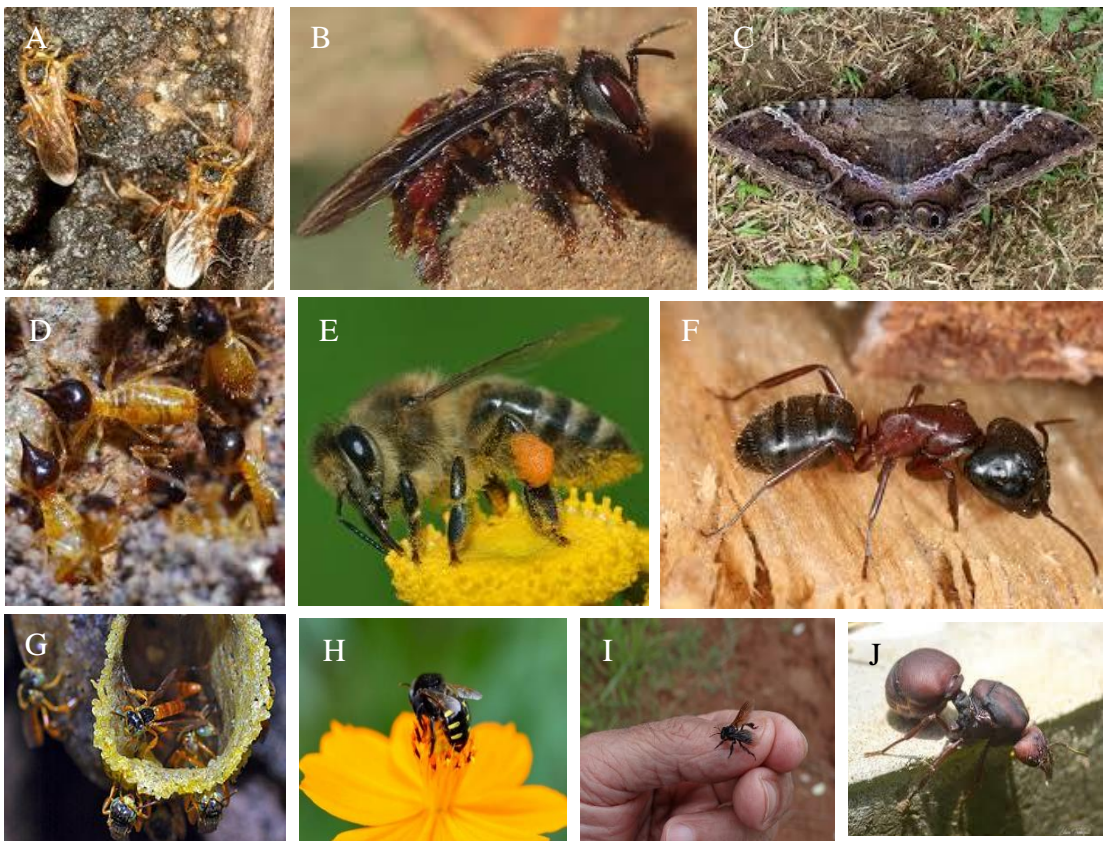
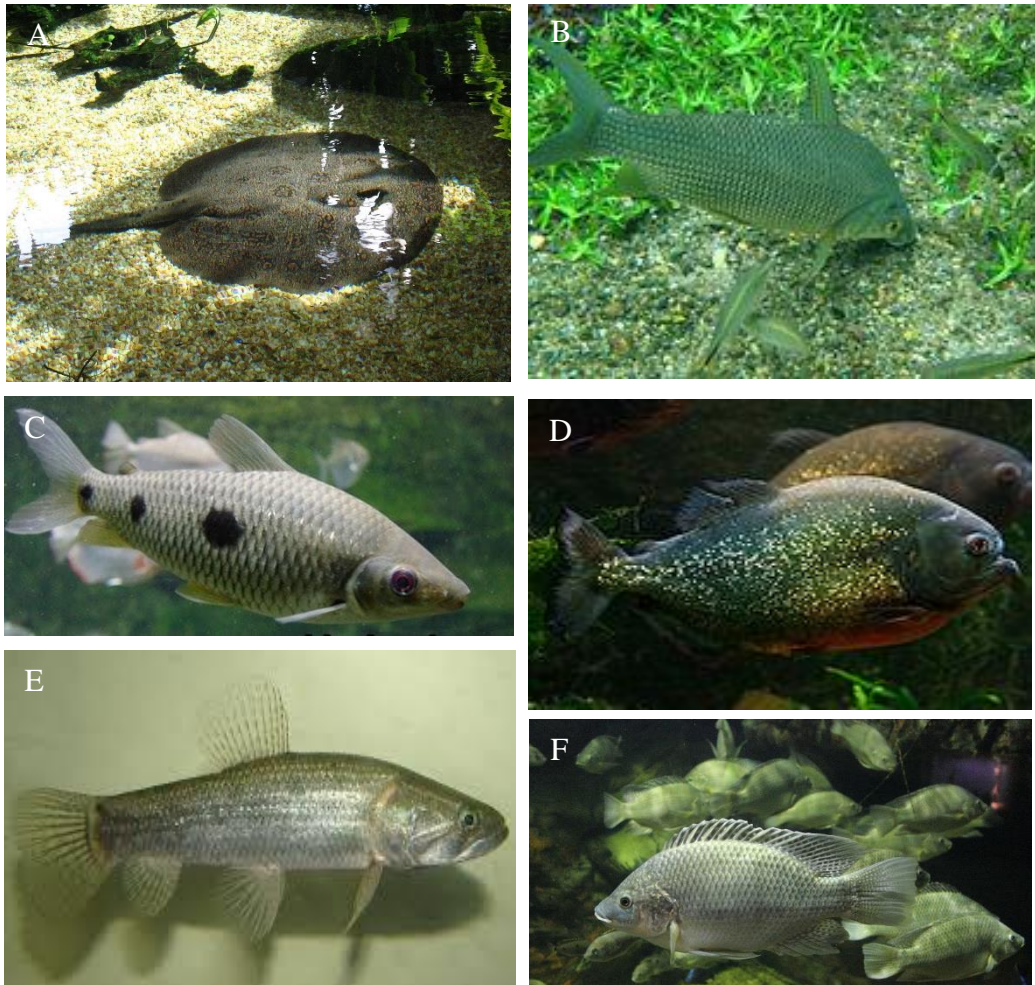


Figura 11 – Peixes reconhecidas pelos moradores de Massapê do Piauí. Os animais não especificados foram representados por imagens que mais se assemelhavam com os que ocorrem na região.



APÊNDICE E - FONTE DAS IMAGENS⁵

- [1A] OLIVEIRA, E. L. (2015). *Crotophaga ani Linnaeus*, 1758. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1887591>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1B] ZOLOTAREFF, N. G. (2012). *Patagioenas picazuro* (Temminck, 1813). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/707527>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1C] GOMES, S. C. (2013). *Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/891249>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1D] SANCHES, D. (2010). *Cyanoloxia brissonii* (Lichtenstein, 1823). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/290949>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1E] DUARTE, R. (2012). *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/817979>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1F] GOMES, S. C. (2013). *Nystalus maculatus* (Gmelin, 1788). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/952772>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1G] LEBOWSKI, R. G. (2013). *Paroaria dominicana* (Linnaeus, 1758). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/928059>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1H] LEMOS, JS (2013). *Glaucidium brasilianum* (Gmelin, 1788). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves Brasileiras. Disponível online em: <http://www.wikiaves.com/923042>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [1I] MACEDO, J. R. (2013). *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1173331>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2A] RUMÃO, F. R. (2018). *Cyanocorax cyanopogon* (Wied, 1821). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3067512>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2B] CASADEI, L. O. (2017). *Aramus guarauna* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2517792>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2C] OLIVEIRA, J. R. (2019). *Caracara plancus* (Miller, 1777). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3340857>. Acesso em: 04 nov. 2020.

⁵ Para referenciar as imagens do trabalho seguiu-se as normas do site Wiki Aves para todas as imagens já que a Associação Brasileira de Normas Técnicas não estabelece regras para esse item do trabalho.

- [2D] MEDCRAFT, JP (2011). *Chrysomus ruficapillus* (Vieillot, 1819). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves Brasileiras. Disponível online em: <http://www.wikiaves.com/294859>. Acessado em: 04 nov. 2020.
- [2E] FEITOSA, E. S. (2020). *Pseudoseisura cristata* (Spix, 1824). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3839380>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2F] ALEXANDRE (2015). *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1985507>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2G] ALBANO, C. (2010). *Nothura boraquira* (Spix, 1825). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/265100>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2H] BERTAGNOLLI, P. F. (2016). *Sporophila caerulescens* (Vieillot, 1823). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2358008>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2I] FENALTI, P. R. (2016). *Rhea americana* (Linnaeus, 1758). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2008255>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2J] BITTENCOURT, R. P. (2019). *Egretta thula* (Molina, 1782). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3250094>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2K] ALBORTA, F. L. (2016). *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2356263>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [2L] RIBENBOIM, L. C. (2009). *Forpus xanthopterygius* (Spix, 1824). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/23617>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3A] JACOMASSA, F. A. (2015). *Eupsittula cactorum* (Kuhl, 1820). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1978917>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3B] MELLO, F. L. (2016). *Furnarius rufus* (Gmelin, 1788). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2219345>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3C] PRATES, C. S. (2019). *Antrastomus rufus* (Boddaert, 1783). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3534001>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3D] RAMIREZ, E. B. (2018). *Penelope jacucaca* (Spix, 1825). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3424354>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3E] PEREIRA, A. R. (2019). *Leptotila verreauxi* (Bonaparte, 1855). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3509503>. Acesso em: 04 nov. 2020.

- [3F] FEITOSA, E. S. (2020). *Crypturellus parvirostris* (Wagler, 1827). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3700882>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3G] AMARAL, L. (2011). *Nyctibius griseus* (Gmelin, 1789). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/513603>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3H] OLIVEIRA, J. (2018). *Psittacara leucophthalmus* (Statius Muller, 1776). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/3265380>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [3I] WARKENTIN, A. (2017). *Dendrocygna viduata* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2781371>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4A] OLIVEIRA, E. L. (2015). *Tapera naevia* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1921229>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4B] MACEK, R. (2010). *Mimus saturninus* (Lichtenstein, 1823). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/140773>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4C] BORGES, K. A. (2014). *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2138885>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4D] MARCOS, M. A. (2017). *Passer domesticus* (Linnaeus, 1758). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2664566>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4E] BERNARDES, L. (2015). *Gnorimopsar chopi* (Vieillot, 1819). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1796662>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4F] MEIRELLES, A. (2013). *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1182703>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4G] CAMACHO, M. (2015). *Tyto furcata* (Temminck, 1827). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1581044>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4H] CIPRIANI, R. N. (2018). *Columbina picui* (Temminck, 1813). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2868584>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [4I] SOUTO, L. V. (2014). *Columbina squammata* (Lesson, 1831). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1644134>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5A] LORETO, E. G. (2016). *Turdus rufiventris* (Vieillot, 1818). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2178311>. Acesso em: 04 nov. 2020.

- [5B] MARTOS-MARTINS, R. (2017). *Cariama cristata* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2602680>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5C] MARCOS, M. A. (2016). *Icterus jamacaii* (Gmelin, 1788). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2286350>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5D] KRAUSE, M. (2011). *Vanellus chilensis* (Molina, 1782). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/278501>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5E] CAMACHO, M. (2015). *Mustelirallus albicollis* (Vieillot, 1819). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1744604>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5F] FENALTI, P. R. (2015). *Aramides cajaneus* (Statius Muller, 1776). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1848192>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5G] OLIVEIRA, E. L. (2015). *Guira guira* (Gmelin, 1788). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1897437>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [5H] SANCHES, D. (2015). *Euphonia chlorotica* (Linnaeus, 1766). Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1883265>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- [6A] SHARP, C. J. (2015). *Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capivara>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6B] DUPONT, B. (2018). *Desyprocta leporina* (Linnaeus, 1758). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Red-rumped_Agouti_\(Dasyprocta_leporina\)_in_the_garden..._\(28147035289\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Red-rumped_Agouti_(Dasyprocta_leporina)_in_the_garden..._(28147035289).jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6C] HISGETT, T. (2010). *Galictis vittata* (Schreber, 1776). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fur%C3%A3o-grande#/media/Ficheiro:Greater_grison.jpg. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6D] ORTIZ, M. R. D. (2020). *Procyon cancrivorus* (Cuvier, 1798). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3o-pelada>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6E] MOTTA, A. (2018). *Conepatus semistriatus* (Boddaert, 1785). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/post/109887/jaratataca/>. Acesso em 05 nov. 2020.
- [6F] GROUMFY, 69. (2014). *Leopardus tigrinus* (Schreber, 1775). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Leopardus_tigrinus. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6G] HOUŠKOVÁ, A. (2020). *Herpailurus yagouaroundi* (Geoffroy, 1803). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://sco.wikipedia.org/wiki/Jaguarundi#/media/File:Herpailurus_yagouaroundi_Jaguarundi_ZOO_D%C4%9B%C4%8D%C3%ADn.jpg. Acesso em: 05 nov. 2020.

- [6H] VALLE, M.G. M. (2010). *Kerodon rupestris* (Wied-Neuwied, 1820). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moc%C3%B3_\(Kerodon_rupestris\)_no_Parque_Nacional_da_Serra_da_Capivara.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moc%C3%B3_(Kerodon_rupestris)_no_Parque_Nacional_da_Serra_da_Capivara.jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6I] RICHARDSON, L.W. (2008). *Puma concolor* (Linnaeus, 1771). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Puma_concolor. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6J] FREITAS, M. A. V. (2016). *Cuniculus paca* (Linnaeus, 1766). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Lowland_paca. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [6K] ALMEIDA, C. H. L. N. (2015). *Lycalopex vetulus* (Lund, 1842). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Raposa-do-campo>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7A] SHARP, C. J. (2015). *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatupeba>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7B] DUPONT, B. (2008). *Tayassu pecari* (Link, 1795). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:White-lipped_Peccary_Tayassu_pecari_\(6782072719\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:White-lipped_Peccary_Tayassu_pecari_(6782072719).jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7C] SMITH, V. (2006). *Cavia aperea* (Erxleben, 1777). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavia_aperea. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7D] TELLO, J. (2009). *Didelphis marsupialis* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Didelphis_marsupialis.jpg. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7E] SPEKKING, R. (2004). *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Callithrix_jacchus. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7F] CONESSA, S. (2011). *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tamandu%C3%A1-mirim>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7G] MARTINS, A. G. (2018). *Dasyopus septemcinctus* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dasyopus_septemcinctus. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7H] STIEGLITZ, H. (2010). *Dasyopus novemcinctus* (Lineu, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatu-galinha>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [7I] HENRIQUE, L. (2019). *Mazama gouazoubira* (Fischer, 1814). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/post/152701/veado-catingueiro/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8A] FELIX, C. (2019). *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/post/164006/casal-de-cagado-de-barbicha-phrynops-geoffroanus/>. Acesso em: 05 nov. 2020.

- [8B] SALVADOR, A. (2016). *Tropidurus semitaeniatus* (Spix, 1825). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/post/40879/tropidurus-semitaeniatus/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8C] POPOVKIN, A. (2013). *Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ameiva_ameiva_\(Linnaeus,_1758\)_9132975845.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ameiva_ameiva_(Linnaeus,_1758)_9132975845.jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8D] BIRDWACHTING, V. (2015). *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/post/13676/iguana/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8E] AVELAR, L. (2016). *Crotalus durissus* (Lineu, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Crotalus_durissus.jpg. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8F] DUPONT, B. *Thamnodynastes pallidus* (Linnaeus, 1758). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Northern_Coastal_House_Snake_\(Thamnodynastes_pallidus_strigilis\)_10642438676.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Northern_Coastal_House_Snake_(Thamnodynastes_pallidus_strigilis)_10642438676.jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8G] SIRGADO, L. (2013). *Caiman latirostris* (Daudin, 1802). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacar%C3%A9-de-papo-amarelo#/media/Ficheiro:Jacar%C3%A9-de-papo-amarelo_\(Caiman_latirostris\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacar%C3%A9-de-papo-amarelo#/media/Ficheiro:Jacar%C3%A9-de-papo-amarelo_(Caiman_latirostris).jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8H] TIMM, C. (2011). *Bothrops alternatus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bothrops>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8I] BAKER, T. (2005). *Boa constrictor* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Boidae>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8J] MERÇON, L. (2017). *Tropidurus oreadicus* (Rodrigues, 1987). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/post/86470/calango-tropidurus-oreadicus-amazon-lava-lizard/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- [8K] DUPONT, B. (2016). *Salvator merianae* (AM.C. Duméril & Bibron, 1839). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Argentine_Black_and_White_Tegu_\(Salvator_merianae\)_male_sunning_itself_-_Flickr_-_berniedup.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Argentine_Black_and_White_Tegu_(Salvator_merianae)_male_sunning_itself_-_Flickr_-_berniedup.jpg). Acesso em: 05 nov. 2020.
- [9] MAGELA, G. (2015). *Rhinella jimi* (Stevaux, 2002). Professor da UFPI estuda potenciais do veneno de sapos. Disponível em: <http://www.acessepiaui.com.br/imprimir.php?pg=noticia&id=7598>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10A] WESENLEERS, T. *Frieseomelitta varia* (Lepeletier, 1836). WEB BEE – Uma rede de informações sobre biodiversidade brasileira em abelhas. Disponível em: http://www.webbee.org.br/php/WEBBEE_abelhas_ficha.php. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10B] FONSECA, J. R. (2005). *Trigona spinipes* (Fabricius, 1793). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arapu%C3%A1_\(abelha\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arapu%C3%A1_(abelha)). Acesso em: 06 nov. 2020.

- [10C] SHARP, C. J. *Ascalapha odorata* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ascalapha_odorata. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10D] DUPONT, B. (2008). *Nasutitermes corniger* (Motschulsky, 1855). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Nasutitermes_corniger. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10E] TREPTE, A. (2009). *Apis mellifera* (Linnaeus, 1758). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abelha-europeia>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10F] BARTZ, R; FREAK, M. M. (2007). *Formicidae* (Latreille, 1809). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Formicinae>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10G] DUPONT, B. (2008). *Tetragonisca angustula* (Latreille, 1811). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tetragonisca_angustula. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10H] VALENTIN, R. L. (2019). *Melipona Mandacaia* (Smith 1863). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Melipona_mandacaia. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10I] MEDINA. (2016). *Trigona truculenta* (Almeida, 1984). AME – RIO – Associação de meleponicultores do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ame-rio.org/2016/07/trigona-truculenta-saranhao.html>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [10J] TOMAZELLI, L. (2019). *Atta cephalotes* (Linnaeus, 1758). Biofaces – Bring Nature Closer. Disponível em: <https://www.biofaces.com/specie/4003/atta-cephalotes>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [11A] COSTA, T. (????). *Hypanus marianae* (GOMES, ROSA & GADIG, 2000). Laboratório Oceânico, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Shark references. Disponível em: <https://shark-references.com/species/view/Hypanus-marianae>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [11B] SANTOS, F. E. (2015). *Prochilodus lineatus* (Valenciennes 1847). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Prochilodus_lineatus. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [11C] OUDART, P. L. (2012). *Leporinus obtusidens* (Valenciennes, 1847). Wikimedia Commons - O repositório de mídia livre. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leporinus_obtusidens_Orbigny.jpg. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [11D] VIATOUR, I. L. (2008). *Pygocentrus nattereri* (Kner, 1858). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Piranha-vermelha>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [11E] TIMM, C. D. (2008). *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tra%C3%ADra>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- [11F] HUME, G. (2011). *Oreochromis mossambicus* (W.K.H. Peters, 1852). Wikipédia - A enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Mozambique_tilapia. Acesso em: 06 nov. 2020.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, FLORISA COELHO RODRIGUES, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação SABERES POPULARES DE MORADORES DE COMUNIDADES CAMPESINAS DE MASSAPÊ DO PIAUÍ SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 04 de maio de 2021.

Florisa Coelho Rodrigues
Discente

Tamaris Gimenez Pinheiro
Orientadora